

Universidade Técnica de Lisboa
Instituto Superior de Economia e Gestão

**OS PESCADORES ARTESANAIS
DO CONCELHO DE SESIMBRA:**

**Alguns aspectos do seu
Desenvolvimento Sócio-Económico**

Eduardo Lopes d'Oliveira

*SOB ORIENTAÇÃO DE:
Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira*

*CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:
Presidente: Prof. Doutor José Maria Carvalho Ferreira
Vogal: Prof. Doutor José António Correia Pereirinha
Vogal: Doutor Manuel Villaverde Cabral*

**Lisboa
Março, 1996**

I. S. E. G.
Ec E. Biblioteca
1374-G. 43316

X-96-040731-5



Universidade Técnica de Lisboa

HD8039.F65.ZP67
D65
1996

Instituto Superior de Economia e Gestão

RESERVADO

**OS PESCADORES ARTESANAIS
DO CONCELHO DE SESIMBRA:**

**Alguns aspectos do seu
Desenvolvimento Sócio-Económico**

Eduardo Lopes d'Oliveira

SOB ORIENTAÇÃO DE:

Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI:

Presidente: Prof. Doutor José Maria Carvalho Ferreira

Vogal: Prof. Doutor José António Correia Pereirinha

Vogal: Doutor Manuel Villaverde Cabral

**Lisboa
Março, 1996**



Universidade Técnica de Lisboa
Instituto Superior de Economia e Gestão

**OS PESCADORES ARTESANAIS
DO CONCELHO DE SESIMBRA:**
**Alguns aspectos do seu
Desenvolvimento Sócio-Económico**

Eduardo Lopes d'Oliveira

Dissertação para a obtenção do grau
de Mestre em Sistemas
Sócio-Organizacionais da Actividade
Económica
orientada pelo Professor Doutor José
Maria Carvalho Ferreira

Lisboa
Março, 1996



"Com estas subjugada foi Palmela,
E a piscosa Sesimbra, e, juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente".

Luís de Camões,
"*Os Lusíadas*",
Estância 65, Canto III.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1	
O CONCELHO DE SESIMBRA: A sua caracterização	5
1.1. Características gerais: localização e população	5
1.2. A população alvo do presente estudo	8
CAPÍTULO 2	
ECONOMIA SUBTERRÂNEA E MOBILIDADE SOCIAL	10
2.1. Economia Subterrânea	10
2.2. Mobilidade Social	14
2.2.1. Análise dos pressupostos teóricos	14
2.2.2. Análise dos elementos directamente relacionados com o presente estudo	25
2.3. Suporte teórico-operacional da pesquisa	29
2.3.1. O modelo	30
CAPÍTULO 3	
O MÉTODO	42
3.1. Questionário	42
3.2. A amostra	43
3.3. Procedimento	44
3.4. Quantificação dos dados	44
CAPÍTULO 4	
ANÁLISE DOS RESULTADOS E DO MODELO	45
4.1. Análise dos resultados	45
4.1.1. Economia Inobservada	45
4.1.2. Mobilidade Social	50
4.1.3. Conclusão da análise dos resultados	63
4.2. Análise do modelo	64
4.2.1. Conclusão das análises	69
CONCLUSÃO	72
APÊNDICES	75
Apêndice 1 - Testes Estatísticos	76
Apêndice 2 - Questionário	87
Apêndice 3 - Quadros	95
BIBLIOGRAFIA	110

INTRODUÇÃO

Têm sido publicadas poucas obras e/ou estudos sobre Sesimbra; menos ainda sobre o grupo alvo do presente estudo - Os Pescadores Artesanais.

Por outro lado os dois aspectos de natureza sócio-económica em que assenta a investigação, nomeadamente o conceito de economia inobservada e/ou subterrânea e o conceito de mobilidade social continuam a ser temas de definições imprecisas que não só necessitam de clarificação como também de operacionalização. As dificuldades inerentes à operacionalização dos conceitos estão amplamente documentadas.

A economia subterrânea, como o seu nome indica, não é passível de medição directa. Sabe-se que a sua existência nas economias nacionais é um facto e que o seu crescimento é suficientemente notável nos últimos tempos, ao ponto de preocupar seriamente não só as autoridades centrais como também as instituições supranacionais, nomeadamente a União Europeia.

O conceito de mobilidade social está intimamente ligado aos conceitos de classes e estratos sociais e, portanto, à organização social dos indivíduos constituindo, por isso mesmo, um dos instrumentos de aferição dos pressupostos e teorias da Sociologia. A operacionalização do conceito apresenta contudo dificuldades sem dúvida devidas à complexidade e interdependência das variáveis e aos pressupostos dos vários suportes teóricos que têm servido de base às pesquisas.

Devemos ainda salientar que o conceito de desenvolvimento apresentado no título não está subjacente aos modelos de desenvolvimento impostos ou induzidos por meio de políticas, planos ou programas especificamente dirigidos a "desenvolver" social ou economicamente as populações (Hulme & Turner, 1989, p.6). Está simplesmente subjacente à noção de que o crescimento registado nalguns indicadores, tais como, a taxa de escolaridade, a posse de bens de raiz e a aquisição de bens de consumo duráveis, poderá significar um

maior desenvolvimento socio-económico e/ou cultural dos indivíduos objecto deste estudo, nomeadamente os pescadores artesanais da vila e do campo de Sesimbra.

Não usamos portanto o conceito no seu sentido mais lato aplicado nos estudos macro-económicos e/ou sociológicos, mas retiramos dele os indicadores de que necessitamos para operacionalizar a investigação sobre a economia inobservada e a mobilidade social dos pescadores.

Acresce definir os conceitos de economia subterrânea e mobilidade social e, através das definições, delimitar um quadro teórico-operacional que sirva de suporte referencial ao estudo. Estas matérias serão desenvolvidas no Capítulo 2, depois de uma breve caracterização do concelho de Sesimbra com especial relevo para as zonas onde reside a população alvo (Capítulo 1).

A falta de estudos anteriores sobre os pescadores artesanais portugueses, falta que pela pesquisa bibliográfica levada a cabo se revela extensiva a outros países, faz-nos apropriarmo-nos duma noção apresentada por Hulme & Turner ao referirem-se à intervenção prática dos sociólogos na formulação de políticas e planos de desenvolvimento para justificar a nossa escolha paradigmática. Optámos por ser "praticantes positivos" (*positive practitioners*, p. 13) e levarmos a cabo uma pesquisa de campo articulando os conceitos já referidos apesar das dificuldades que lhes são inerentes.

CAPÍTULO 1

O CONCELHO DE SESIMBRA: A SUA CARACTERIZAÇÃO

1.1. Características gerais: localização e população

"Sesimbra é uma vila de pescadores". Abriu assim o seu trabalho seminal, sobre a pesca e os pescadores em Sesimbra, Maria Alfreda Cruz em 1966. E dizia ainda "...Terra de pescadores, Sesimbra sente desenvolver-se a própria vida em torno da actividade em função da qual surgiu" (M. A., Cruz, 1966, p.7).

O concelho de Sesimbra compreende parte da orla atlântica a sul do Tejo, para lá da Costa da Caparica e da Fonte da Telha. Na costa atlântica, o concelho começa na desembocadura da lagoa de Albufeira, segue para o cabo Espichel, reentra em pequenas baías até à de Sesimbra propriamente dita, funda, recortada pelas vertentes altas das faldas da Serra dos Zimbros, limítrofes a norte das da Serra da Arrábida.

No interior, abrange os campos de colinas amenas e a mata de pinheiros e eucaliptal que separa este concelho do concelho do Seixal a norte, do Barreiro a nordeste e de Palmela a sudoeste.

O "enclave" morfológico da vila e dos campos limítrofes constituem uma "nesga mediterrânica" em plena costa atlântica (Orlando Ribeiro, 1937, p. 57), a uns meros 30 kms. de Lisboa. Os campos são pobres. A riqueza foi encontrada no mar. Nas últimas décadas, o turismo de Verão e também o de "fim de semana", vieram criar apetências novas na vila. Mas o Sesimbrão não emigrou e ainda poucos enveredam por essa alternativa. Na década de 60, Sesimbra era centro de imigração sim, mas para os homens dos campos limítrofes que a invadiam e lá viviam para tirarem do mar o seu sustento. Os campos eram pobres, os acessos difíceis e os transportes não existentes (Cruz, *id.*, *ibid.*, 1966).

Após o 25 de Abril de 1974, o campo foi ligado à vila por uma rede considerável de estradas, na sua maioria construídas pelos militares. O turismo que até então se confinara à vila, estendeu-se a outras povoações; a proximidade de Lisboa, a beleza das suas colinas e das matas, estão a modificar rapidamente a vivência até então pobre dos homens e das mulheres do campo ¹.

Segundo o décimo Recenseamento Geral da População, de 1960, viviam 6.647 indivíduos que constituíam a população da vila de Sesimbra. Cruz salienta que, dentro destes, o número de profissionais, tais como pescadores e agricultores, era de 4.089 e acrescenta: "... sabendo-se em que medida Sesimbra se encontra desligada das actividades rurais, o número referido serve, com muita aproximação, de índice de população piscatória" (*id., ibid.*, p. 95). Havia então 300 pessoas que desempenhavam funções administrativas, liberais e de "serviços".

Concordamos com a autora na medida em que, por tradição Sesimbra-vila não é uma terra de agricultores. Mas na ausência de dados, atrevemo-nos a sugerir que uma fatia não tão insignificante, dos 4.089 indivíduos descritos como "profissionais da pesca e da agricultura", será referente a agricultores residentes no campo que também se dedicavam à arte da pesca.

De salientar é o papel pouco activo das mulheres nas actividades piscatórias da vila. Ainda segundo Cruz a "mulher - e especificamente a do pescador - não faz parte integrante da vida económica da vila". Citando Raul Brandão², salienta que esta não participação da mulher contrasta com o que se passa noutras zonas piscatórias portuguesas onde, por necessidade e por tradição, a mulher trabalha por vezes tanto ou mais do que o homem. A mulher do pescador da vila de Sesimbra "...limita-se a cuidar, mais ou menos, da casa e dos filhos, mantendo-se de todo alheada da luta permanente pelo pão de cada dia. Poder-se-á tomar o facto como índice de um nível de vida elevado, relativamente ao da média do pescador português" (Cruz, *id., ibid.*, p.108).

¹ Sem querer desviar a atenção, é oportuno referir aqui a opinião de Manuel V. Cabral (1983, p. 214): "Em nossa opinião, o 25 de Abril, é, com efeito, duplamente responsável pela actual pujança da economia subterrânea em Portugal". A este ponto voltaremos mais adiante.

² Vd. BRANDÃO, Raul, 1957, p. 98.

De acordo com o Censos de 1991, residem 7.455 pessoas na vila de Sesimbra e 11.964 no campo de Sesimbra. (A freguesia da Quinta do Conde, não fazia parte do Concelho em 1960 e, por em nada dizer respeito ao presente estudo, não é incluída).

Em relação ao Censos de 1960, a população da vila aumentou cerca de 11%. Por outro lado, o número de pescadores que em 1960 era de 4.089 está hoje reduzido a 2.400, o que representa, em termos percentuais, um decréscimo da ordem de cerca de 41%. Não havendo dados sobre a população do campo de Sesimbra e do número de pescadores do campo que nos anos 60 emigravam para a vila não é viável fazer-se uma comparação rigorosa. Concordamos portanto que a população da vila aumentou em 11% enquanto que o número de pescadores decresceu em 41%, o que denota a diversificação e aumento de empregos noutros sectores que não a pesca.

Dos 2.400 pescadores que hoje trabalham em Sesimbra, cerca de mil são trabalhadores na pesca artesanal, isto segundo as informações recolhidas através da Mútua dos Pescadores.

O nível de vida do pescador que Cruz referia como alto poderá continuar a sê-lo presentemente já que, em 1993, Sesimbra foi classificada, em Portugal, como o primeiro porto em termos de pescado transaccionado, com valores de cerca de 4 milhões de contos. No que respeita a toneladas de peixe capturado, Sesimbra situa-se no terceiro lugar a nível nacional.

No que se refere ao desenvolvimento do turismo na vila e no campo de Sesimbra não existem dados que permitam uma comparação com a década anterior ao 25 de Abril. Sabemos, no entanto, que hoje em dia, o total da população residente na vila e no campo de Sesimbra é de 19.419 pessoas (não inclui a Quinta do Conde); que a este total podemos acrescentar 9.000 pessoas com segunda habitação e que os veraneantes e turistas que passam férias na região atingiram 42.400 em 1990. Estes números, fornecidos pela Câmara Municipal de Sesimbra, são os mais recentes que estão disponíveis. Suspeitamos que nos últimos cinco anos tenham aumentado significativamente.

1.2. A população alvo do presente estudo

Pelos números fornecidos pela Mútua dos Pescadores (Sesimbra), 75% dos pescadores artesanais vivem na vila; os restantes vivem no campo. Na pesca artesanal, excluindo portanto a da sardinha, deverão estar envolvidos cerca de um milhar de pescadores que se dedicam principalmente à pesca do peixe espada preto, do linguado, de crustáceos e do polvo.

Com o desenvolvimento do turismo e a falta de possibilidade de expansão da vila, dadas as características morfológicas do local, o crescimento urbano do campo tem sido notável o que provocou, inevitavelmente, o desenvolvimento do pequeno comércio e da indústria da construção civil.

Tendo em conta que estas tendências se acentuaram consideravelmente nos últimos quinze anos e que a qualidade de vida das populações locais tem sido positivamente afectada, postula-se que o desenvolvimento económico das populações do campo tenha sido mais acentuado do que o das populações da vila, principalmente entre a população que se dedica a actividades piscatórias artesanais. Isto, porque o pescador artesanal do campo, mercê dos bens de raiz que possui, tem maior possibilidade de aproveitar o desenvolvimento turístico da região do que porventura o seu congénere da vila, o qual, como vimos, não se dedica à agricultura (Cruz, *id.*, *ibid.*, 1966).

Este aproveitamento de bens de raiz para fins turísticos foi também assinalado por Eugéne L. Mendonsa (1982) num estudo sobre turismo e estratificação noutra vila piscatória portuguesa, a Nazaré. Segundo Mendonsa os pescadores da vila se têm "uma casa desejável, alugam alojamentos a turistas o que constitui a única via significativa pela qual os pescadores podem ganhar dinheiro que se veja com o turismo" (Mendonsa, 1982, p. 320).

Se o desenvolvimento económico dos pescadores artesanais do campo tem, de facto, sido maior do que os da vila, então a questão que se pode pôr é a de saber até que ponto é que este maior desenvolvimento se está a traduzir na qualidade de vida e expectativas sociais futuras dos seus filhos e dos filhos dos pescadores residentes na vila. É neste enquadramento de desenvolvimento

económico, com base nos rendimentos extra proporcionados pelo aproveitamento das oportunidades importadas pelo desenvolvimento do turismo, que se faz o estudo comparativo sobre a actual qualidade de vida e expectativas futuras das gerações mais novas entre os pescadores artesanais da vila e do campo.

CAPÍTULO 2

ECONOMIA SUBTERRÂNEA E MOBILIDADE SOCIAL

Na Introdução restringimos, exemplificando, o conceito de "desenvolvimento" a três indicadores principais: taxa de escolaridade, posse de bens de raiz e aquisição de bens de consumo duráveis.

Neste capítulo aprofundaremos a relação destes indicadores com os dois conceitos que sublinham o desenvolvimento da economia subterrânea e da mobilidade social. Para que aquela possa ser estabelecida e aprofundada é necessário definir o que se entende por economia subterrânea e mobilidade social, e estabelecer o enquadramento da pesquisa.

2.1. Economia Subterrânea

A definição clássica utilizada pela OCDE³ engloba várias vertentes de actividade económica, todas elas relacionadas com a impossibilidade de o Estado, enquanto instrumento regulador da actividade económica, na sua globalidade, as controlar, quantificar e fiscalizar.

Estas vertentes de actividade económica que escapam à fiscalização do Estado são:

- a) Produção Legal Não Declarada (PLND), actividades desempenhadas dentro da legalidade, que não são declaradas e, portanto, escapam ao controlo dos mecanismos de contribuição fiscal;
- b) Produção de bens e serviços ilegais;
- c) Receitas em espécie encobertas

³ Definição da OCDE *in*, Boletim Informativo, BFN, Dez. 89.

No entanto, são excluídas da definição da OCDE algumas actividades que na óptica de outras definições (Feige, 1989, p. 17), fazem parte integrante da também chamada economia subterrânea. São estas actividades: a) a produção das economias domésticas, b) as actividades ilegais não directamente produtivas, c) as actividades produtivas que escapam involuntariamente aos mecanismos do Estado em virtude da sua difusão no espaço.

No contexto do presente estudo são relevantes duas das seis vertentes anteriormente indicadas. Uma, a PLND, faz parte das actividades classificadas pela OCDE como economia subterrânea. A outra, a produção das economias domésticas, não faz parte da lista de actividades abrangidas pela OCDE.

Que se deve entender portanto por economia subterrânea e qual a vantagem de operacionalizar o conceito em função da acção fiscalizadora do Estado se importantes vertentes de actividade económica escaparão sempre à intervenção dele?

O termo "subterrânea" em si enferma de carga pejorativa, o que nada ajuda à clarificação do problema. Feige, ao referir-se às publicações dos "economistas subterrâneos" apresenta oito sinónimos do termo "subterrânea" referidos nessas publicações. A lista da qual fazem parte adjectivos como "sombreada", "informal", "escondida", "paralela", "negra", "clandestina", "segunda", "doméstica", faz-se seguir por um etc... (*id.*, *ibid.*, p. 16) Segundo a óptica de Feige, esta plétora tem contribuído para gerar confusão, se bem que no plano da significação cada um dos termos aplicados possa contribuir para o entendimento das várias vertentes do conceito.

Por isso, Feige estabeleceu uma diferença unidimensional (da qual é retirada a carga pejorativa) ao referir-se à economia inobservada por contraposição à economia observada, isto é, a que é passível de controlo e fiscalização por parte do Estado e portanto traduzida na Contabilidade Nacional. Feige propõe ainda a divisão da economia inobservada em dois sectores: o sector de mercado que usa moeda como meio de troca na produção e distribuição de bens e serviços e o sector não monetário dentro do qual bens e serviços são produzidos, mas, ou

são directamente consumidos pela unidade produtora (a doméstica, por exemplo), ou são informalmente trocados através de mecanismos de troca em espécie.

Se bem que, por um lado, a diferenciação apresentada por Feige pretenda ser sob o ponto de vista económico mais objectiva do que outras apoiadas em nomenclatura declaradamente afectiva em vista da carga significativa dos vocábulos utilizados, não elimina a confusão, nem tão pouco contribui para que o Estado possa melhorar significativamente a sua eficácia nas estimativas que necessariamente tem de fazer sobre o "rendimento não observado".

De salientar que o autor aflora, aquilo que é no nosso entender, o ponto essencial da questão ao sugerir que em última análise "qualquer sistema de contabilidade social (significando porventura sociedade igual a Estado) depende da cooperação e honestidade dos declarantes" (*id.*, *ibid.*, p. 21), os quais, sugere que poderão não cooperar por falta de incentivos ou por causa da crescente alienação dos declarantes *vis-a-vis* dos valores sociais e legais da sociedade onde se inserem. No essencial, a questão de fundo que se coloca na área da "economia inobservada" é a mesma que se coloca na área conceptual afim da "economia subterrânea".

As duas faces do mesmo conceito abrangem o conceito de "ilegalidade", ilegalidade que, em determinados tipos de actividade inobservada ou subterrânea, se remete somente para a "ilegal" não declaração de rendimentos e noutros para uma dupla ilegalidade, a da actividade criminosa, ilegal em si mesma, e a ilegalidade respeitante à não declaração de rendimentos ⁴.

Sob o ponto de vista social esta falta de esclarecimento é importante, não o sendo, porventura e à partida, sob o ponto de vista económico. No entanto afigura-se importante que o Estado possa saber com margem significativa de certeza que percentagem do rendimento inobservado resulta de actividades legais não declaradas, em contraposição à percentagem atribuível a actividades em si mesmas ilegais. Uma política de maior abertura e aceitação da

⁴ Vd. também LOBO, Isabel de Sousa, 1985.

inevitabilidade de ocorrência de actividades legais não declaradas não conduziria necessariamente à sua proliferação, já que é precisamente por aquilo que já se consegue ir estimando, o grosso da actividade económica recai sobre a fiscalização e controle do Estado (Chadeau, 1985; Feige, 1989); (Murphy, 1978, 1982).

Manuel V. Cabral (1983, p. 199) referindo-se às dificuldades levantadas tanto a nível teórico como metodológico dizia que... "o fenómeno (economia subterrânea) é mais fácil de «sentir» do que medir e analisar". É precisamente este "sentir" que se encontra na base do presente estudo.

As dificuldades metodológicas na medição do sector inobservado da actividade económica assentam precisamente no facto de essas actividades serem levadas a cabo em desafio dos controles e fiscalização pelo Estado. Como medir aquilo que, por necessidade, não é revelado? Referindo os problemas não só de natureza empírica mas também conceptual e legal dos Estados perante a necessidade de estimarem os valores produzidos pelo sector inobservado, Feige propõe que qualquer estratégia utilizada neste tipo de investigações deve ser "suficientemente geral para incluir todo o tipo de indicadores" (Feige, *id.*, *ibid.*, p. 26) normalmente associados com as metodologias das várias ciências sociais. Tais indicadores ou provas (em inglês, *evidence*) poderão ser quantitativos e qualitativos, recolhidos através de testemunhos verbais sobre "casos" e "exemplos" que, passe a expressão, "andam na boca do povo".

No presente estudo, utilizaram-se os três métodos de recolha de informação e dados. Em primeiro lugar, o investigador, residente no Concelho, tem recolhido ao longo dos anos informação através do contacto informal com a população local, informação que lhe permitiu formular as hipóteses de trabalho. Em segundo lugar, no decorrer dos inquéritos recolheu dados qualitativos que lhe valorizaram e aprofundaram a sua compreensão sobre os resultados obtidos através das perguntas pré-seleccionadas que sistematicamente colocou aos inquiridos.

Em terceiro lugar, a partir de testemunhos de pescadores conhecidos do investigador, não incluídos na amostra, corroborou alguns dados fornecidos pelos inquiridos tais como o salário médio mensal e em relação ao tipo de pesca que o tipo de inquiridos fazem.

O principal problema prendeu-se com a escolha dos indicadores que poderiam servir de suporte para a determinação da ocorrência de actividades económicas inobservadas e do seu impacto na qualidade de vida da população alvo.

A escolha desses indicadores não teve necessariamente como objectivo estimar ou medir valores atribuíveis a actividades económicas inobservadas, como pretende a investigação sobre a economia inobservada que é feita à escala da contabilidade dos Estados. Pretendeu apenas equacionar a pressuposta ocorrência de actividade económica inobservada com o poder de compra de bens de consumo duráveis. Estes estão associados ao desenvolvimento sócio-económico das populações.

A escolha da aquisição de bens de consumo duráveis é particularmente relevante também para o outro conceito sobre o qual assenta a investigação, nomeadamente o da mobilidade social, já que este, numa das suas vertentes está associado ao rendimento e disponibilidade por ele oferecida para a aquisição de bens.

2.2. Mobilidade Social

2.2.1 Análise dos pressupostos teóricos

A selecção do suporte teórico restringiu-se deliberadamente à definição de mobilidade social e dos parâmetros operacionais que permitem a sua medição.

O que é mobilidade social? Como o termo indica, a noção de mobilidade social é uma noção dinâmica, o cursor, por assim dizer, que situa o indivíduo em determinada posição dentro da estrutura social em que vive. Este

posicionamento depende do valor atribuível ao conjunto das características que o indivíduo possui, as quais são mais ou menos valorizadas pelos outros indivíduos ou grupos de indivíduos que constituem a estrutura social. As características do indivíduo, pelo menos nas sociedades abertas, podem alterar-se ao longo da sua vida. Essas alterações poderão ter como consequência a mudança de posição social do indivíduo. Se o indivíduo adquire características socialmente valorizadas, a sua posição social melhora; se, pelo contrário, as características adquiridas não são valorizadas, a sua posição social piora. Se as suas características se mantiverem inalteradas, o indivíduo permanecerá na mesma posição, a menos que se alterem os valores da estrutura social em que se insere.

Enquanto noção, o termo "mobilidade social" poderá, portanto, corresponder aceitavelmente às variáveis que se subentendem existir para explicar as mudanças que se operam no seio do real social. Percebe-se a existência de categorias sociais diferenciadas de acordo com a valência das características apresentadas pelos membros da sociedade e, empiricamente, aceita-se a transferência ou mobilidade dos indivíduos entre elas enquanto actores sociais.

O problema reside na operacionalização do conceito para que, em primeiro lugar, se prove a sua ocorrência e, em segundo lugar, se determinem os seus efeitos dentro do real social em termos qualitativa e/ou quantitativamente significativos. Como tal operacionalização depende dos pressupostos teóricos a partir dos quais ela é derivada, é necessário em primeiro lugar analisar as vertentes teóricas que lhe deram origem.

Até ao século XX, a problemática da mobilidade social não foi objecto de reflexão e pesquisa *per se*. Como diz Carvalho Ferreira, referindo-se aos sociólogos, pensadores e filósofos do século anterior, "as referências à mobilidade são (também) várias, mas inserem-se, sempre, na sua filosofia ou teoria política global e não constituem um campo separado de problemas" (Carvalho Ferreira *et al*, 1995, p. 371). Porém, já Heath partilhava desta asserção mas notava que "mesmo hoje as questões colocadas sobre a mobilidade social, e até algumas das respostas, não são tão diferentes das dos primeiros teóricos". (A. Heath, 1981, p. 11).

Apesar de só ter sido indirectamente abordada pelos teóricos anteriores ao século XX, as perspectivas por estes avançadas vieram influenciar as posições dos sociólogos do século XX que têm estudado o fenómeno. Abordemos em primeiro lugar as posições teóricas anteriores. Para Marx (1970), partindo de uma análise historicista do desenvolvimento das sociedades, a divisão da sociedade em classes sociais assenta nas relações de produção, isto é, nas relações sociais que surgem durante o acto de produzir. Assim é a actividade económica que divide todos os que nela intervêm, em essencialmente duas classes com interesses identificados e antagónicos: a classe dominante, detentora dos meios de produção e a classe dominada. Dentro deste contexto, a mobilidade social ao ser considerada no sentido ascendente, isto é da classe dominada para a classe dominante, exclui todos os membros da classe dominada excepto os seus "espíritos mais avançados". Uma excepção que reflecte claramente a influência da inteligência e grau de instrução na mudança da classe social dos indivíduos.

De acordo com a teoria marxista o grande fluxo de mobilidade social ocorre no sentido inverso, isto é, no sentido descendente, à medida que a própria evolução do sistema capitalista produz a esperada contracção e especialização da classe dominante detentora dos meios de produção, e que, consequentemente, se expande a classe dominada, o proletariado. Para mais, a classe dominante, através dos mecanismos de reprodução dos modos de produção, reproduziria a sua ascendência sobre a classe dominada, assegurando o seu controlo sobre a propriedade, os meios de produção, o Estado e todas as estruturas da sociedade. Analisados estes pressupostos em termos do conceito de mobilidade social, análise que não foi desenvolvida por Marx, poderemos concluir que de acordo com a teoria marxista de classes, a mobilidade social seria reduzida ao sentido ascendente e seria considerável no sentido descendente à medida que a classe dominante reproduzisse a sua ascendência sobre a classe dominada, ao longo de sucessivas gerações.

O conceito de mobilidade social derivado da teoria marxista inspirou no século XX as teorias sociológicas neomarxistas.

Por outro lado Weber (1946) influenciou as teorias funcionalistas da estratificação e as mais recentes teorias liberais de mobilidade ao apresentar

uma teoria complexa de organização social (M. Weber, 1946). Para Weber, a sociedade organiza-se em classes, grupos de *status* e partidos. Às classes pertencem indivíduos com a mesma situação económica, definida sob o ponto de vista da propriedade, não exclusivamente económica como em Marx, mas num sentido lato, abrangendo todo os recursos colocáveis no mercado (o conhecimento, por exemplo); aos grupos de *status* pertencem os indivíduos com prestígio social; aos partidos pertencem todos os que desenvolvem actividades de foro político e ainda todos os que partilham interesses e objectivos comuns. A proposta explicativa de Weber é fluída, flexível, pressupondo uma grande variedade de grupos, níveis ou estratos sociais e uma alta taxa de mobilidade entre eles.

Estas duas posições, sem se debruçarem de modo sistemático sobre o conceito de mobilidade social, influenciaram diferentemente a investigação que mais recentemente tem sido feita.

Examinaremos seguidamente algumas diferenças entre as posições neo-marxistas e funcionalistas/liberais.

Contrapondo as teorias da estratificação à teoria das classes sociais enquanto instrumentos de análise do real social, a primeira grande diferença entre elas encontra-se na componente social em torno da qual as suas correntes de pensamento se afirmaram e evoluíram. As teorias da estratificação adoptaram como base motora das várias formas de organização e processos sociais o indivíduo enquanto agente ou actor social.

O seu precursor, Pitirim Sorokin (1927) refere a inevitabilidade da estratificação social em virtude da complexa variedade ocupacional de que a sociedade necessita. Para Sorokin contudo, a estratificação não gera, necessariamente, mobilidade social (Sorokin, 1927). Mais recentemente, Davies e Moore (1945) consideram a estratificação social como um sistema que promove a deslocação dos indivíduos entre os vários estratos e que é regulado através de recompensas diferenciais. Erikson & Goldthorpe (1993) afirmam que toda a problemática da acção social se desenvolve tomando o indivíduo como

seu fulcro e reconhecem que esta perspectiva "implica uma aceitação do princípio do individualismo metodológico". (Erikson & Goldthorpe, 1993, p. 1).

Por outro lado, a teoria das classes sociais desenvolve os seus postulados a partir da estrutura social e das próprias classes ancoradas no princípio da reprodução. Bertaux (1977) sugere a existência, segundo uma citação em Carvalho Ferreira de "mecanismos sociais que criam processos de reprodução e colocação de seres humanos no sistema produtivo e social, os quais garantem a manutenção do sistema" (Carvalho Ferreira, *et al*, *id. ibid.*, p. 375). Boudon (1979a) refere o papel determinante das características das instituições e da estrutura social *vis-a-vis* as iniciativas individuais de mobilidade social afirmando que estas são "de curta distância" e que, no tempo, os diferentes grupos sociais se reproduzem. (*id. ibid.*, p. 376).

As teorias da estratificação consideram as desigualdades sociais como funcionais e garante da sobrevivência das sociedades enquanto que a teoria das classes as explica como efeitos de conjugações históricas específicas.

Nas teorias da estratificação a operacionalização do conceito "estrato" passa pelo conceito de *status*, isto é, o do prestígio e estima social dos indivíduos em função da posse de bens desejáveis e raros. Nas teorias das classes a operacionalização do conceito de "classe" passa pela forma de inserção dos indivíduos no processo de produção e na divisão social do trabalho.

Estruturalmente, para as teorias da estratificação, a sociedade é um *continuum* hierarquizado de posições sociais, analisável dinamicamente em termos de relações individuais. Na teoria das classes, estas representam um conjunto de situações e práticas qualitativamente distintas, analisável em termos de relações sociais contraditórias.

Assim, não seria de admirar que dentro de enquadramentos teóricos com pressupostos diferenciados como os que sublinham o conceito de estrato e o de classes, a mobilidade social fosse diferencialmente operacionalizada.

Sob o ponto de vista da estratificação, a mobilidade social tem sido medida mantendo como unidade social o indivíduo, através do rendimento, da educação, da profissão, do estilo de vida, etc... O índice de prestígio tende a ser utilizado como conceito geral englobante das atrás referidas componentes.

Sob o ponto de vista da teoria das classes, a mobilidade social pode ser medida, depois da passagem dos conceitos que determinam a classe, isto é, o capital económico, o capital simbólico e o capital social, por sucessivos níveis de especificação (F. de Almeida, 1986, p. 83) para que sejam passíveis de análise não só as determinantes de classes, isto é, as relações de produção e a divisão social do trabalho, como também as práticas específicas a cada uma das classes traduzidas nas experiências e nos interesses que diferenciam os ocupantes de cada uma delas, ou seja, no seu capital simbólico.

A mais significativa diferença, a nível de operacionalização de conceitos, entre as teorias da estratificação e a teoria das classes encontrar-se-ia precisamente nas práticas relacionais específicas às classes, enquanto estruturas discretas, não contínuas, em contraste com os estratos justapostos do *continuum* hierarquizado postulado pelas teorias de estratificação. Na perspectiva da teoria das classes poderia admitir-se que as múltiplas e complexas práticas que diferenciam as classes não poderiam ser assimiladas numa só geração como poderá depreender-se ser possível nas teorias de estratificação ao valorizarem o mérito, o prestígio e o *status* individual como único motor de mudança social.

A mudança de *status* poderá, portanto, ser unidimensional pela profissão ou rendimento ou qualquer outra variável. A mudança de classe é por definição pluridimensional e, para ser duradoura, terá que ser plurigeracional. Ao serem examinadas, por exemplo, as características e práticas pertinentes a uma determinada classe dentro de um agregado familiar (o núcleo social mais restrito a ser considerado pela teoria das classes) poderão notar-se índices de diferenciação inter-geracional que, se continuados e alargados, poderão resultar em mudança de classe dos futuros agregados familiares que virão a ser construídos pelos membros mais jovens do agregado familiar alvo.

Porém, ao passarmos para a operacionalização das práticas sociais que poderão caracterizar e diferenciar as classes, em contraste com as que poderão caracterizar e diferenciar os estratos, torna-se impossível isolar medidas que se apliquem exclusivamente a cada uma daquelas ordenações sociais, isto é, medidas que se apliquem na medição da mobilidade social num modelo teórico sublinhado pelas teorias da estratificação, e medidas diferenciadas que se apliquem na medição de mobilidade social sob o ponto de vista dos pressupostos da teoria das classes.

O conceito de mobilidade social é ele próprio a base aferidora dos postulados pelos quais as referidas teorias se diferenciam. Sob o ponto de vista das teorias da estratificação, a mudança de *status* é medida através das posições prestigiantes assumidas pelos indivíduos, isto é, pela profissão, pelo rendimento, pela posse de bens desejáveis e mais ou menos raros, pelo tipo de estilo de vida adoptado, etc... As variáveis através das quais se poderá medir a mudança de *status* correspondem necessariamente às percepções que a sociedade em que os indivíduos vivem desenvolveu em relação ao que é socialmente desejável, isto é, aos valores e normas que são socialmente recompensados (Dahrendorf, 1974, p. 41). Por outro lado, sob o ponto de vista da teoria das classes, a posição social de cada indivíduo é determinada, à partida, pelas relações de produção e a divisão social do trabalho, ou seja, a profissão. Contudo, isto não quer dizer que uma mudança de profissão (por exemplo, de trabalho manual para trabalho não-manual), implique necessariamente uma mudança de classe duradoura. Se um mecânico, portanto um trabalhador manual, passar a ser responsável pela instrução técnica de formandos (trabalho não manual) a sua mudança de classe é impossível a menos que outras variáveis se alterem, significativamente, como por exemplo o rendimento ou um estilo de vida característico de uma classe mais elevada. E no entanto, sob o ponto de vista das teorias da estratificação, a passagem de um trabalho manual para um trabalho não manual implicaria de certo uma mudança de *status*, porque a nova profissão é socialmente mais desejável.

A principais diferenças entre estas duas grandes correntes da Sociologia poderão portanto ser entendidas em termos quantitativos, isto é, do conjunto de variáveis que devem mudar para que se registre mobilidade e numa diferença

temporal em relação à aplicação dos critérios estabelecidos para a aferição da mobilidade social.

As teorias de estratificação, aliás, reconhecem a importância da temporalidade. Tumin (1967), Wrong (1959), Parsons (1954), Barber (1957), Erikson e Goldthorpe (1993) entre outros, reconheceram que estruturas sociais como a família podem bloquear a mobilidade por mérito próprio, individual, dada a tendência que as posições herdadas (geracionais) têm para perpetuar as diferenças e limitar as aspirações das posições neo-conquistadas.

Barber, conclui de vários estudos levados a cabo nos Estados Unidos, onde foi examinada a mobilidade social intergeracional, que durante os cinquenta a cem anos que precederam esses estudos não se tinha registado qualquer alteração significativa tanto no que respeita à quantidade global de mobilidade como no equilíbrio entre a mobilidade ascendente com descendente (Barber, *id.*, *ibid.*, 1957). Num desses estudos (Rogoff, 1953) a percentagem de filhos varões que em 1940 tinha mudado de profissão em relação aos seus pais era sensivelmente idêntica à percentagem obtida para o ano de 1910.

Muito mais recentemente, Erikson e Goldthorpe (1993) baseados nos resultados de um estudo levado a cabo em nove países europeus industrializados e Estados Unidos, Austrália e Japão, concluem não ter havido, em alguns deles, uma subida gradual na mobilidade intergeracional global, avaliada em termos de classes profissionais, como seria de prever sob o ponto de vista da teoria liberal do industrialismo e das teorias funcionalistas de onde ela deriva. O estudo é extremamente complexo assim como as técnicas de análise utilizadas. Não pretendemos compará-lo, portanto, em todos os seus aspectos com o estudo de Rogoff mencionado no parágrafo anterior. Mas é importante assinalar a ocorrência de resultados semelhantes no que respeita a mobilidade intergeracional global. Que factores poderão portanto contribuir para a registada falta de mobilidade intergeracional global assinalada por Erikson e Goldthorpe ao longo das primeiras oito décadas deste século? Os autores oferecem pistas para investigação futura que se baseiam, por um lado, na necessidade de se analisar, em profundidade, através de investigação experimental (*id. ibid.*, p.395), o conceito de "igualdade de oportunidades", isto

é, a condição de igualdade ou desigualdade económica, cultural e social das famílias dos indivíduos antes da sua entrada no mercado de trabalho.

Para tal seria necessário isolar medidas de desigualdade no que respeita não só as desigualdades entre rendimentos, nível educacional e profissão, mas também outras respeitantes à riqueza, condição familiar, e contactos sociais da sua família e seus efeitos no desenvolvimento das carreiras profissionais dos jovens antes de eles entrarem no mercado de trabalho. Por outras palavras, estudar-se o "capital cultural" dos indivíduos como aliás assinalam os defensores da teoria marxista de classes.

Numa primeira leitura, as pistas de investigação futura sugeridas por Erikson e Goldthorpe parecem apontar para a aproximação das duas correntes sociológicas. Erikson e Goldthorpe não admitem esta possibilidade ao discutirem os seus resultados em função da posição neo-marxista sobre a mobilidade ascendente e descendente, segundo a qual a mobilidade descendente seria mais acentuada nos países industrializados em consequência da constante deterioração das estruturas de criação de novas oportunidades que o capitalismo provoca. Como já nos referimos acima, no seu estudo Erikson e Goldthorpe não só não encontraram provas consistentes de mobilidade ascendente, o que contraria as expectativas das teorias da estratificação, como também não encontraram provas de mobilidade descendente, o que contraria as expectativas da posição marxista.

Porém, sugerimos que independentemente das previsões das teorias neo-marxistas sobre a tendência decrescente da mobilidade social nas sociedades industrializadas não se confirmar, a necessidade encontrada por Erikson e Goldthorpe para que sejam aprofundadas experimentalmente as questões relativas à condição social dos indivíduos antes de entrarem no mercado de trabalho, comportam em si semelhanças com a posição marxista, na medida em que esta tem aprofundado a importância do papel das "heranças sociais e culturais" no desenvolvimento escolar das crianças e na sua preparação para o mercado de trabalho.



Porém, o facto de não se encontrarem provas de mobilidade social ascendente (nem descendente) poderão pôr em causa o próprio conceito de "mobilidade social" e de "classes". De acordo com Esping-Andersen "a posição analítica do conceito parece ser pouco segura e a análise de classes poderá juntar-se aos muito anacronismos que a nossa imatura ciência tem vindo a acumular ao longo dos anos" (Esping-Andersen, 1992, p.1). O problema poderá residir precisamente na definição do conceito e nos critérios seguidos para apurar o número de classes distintas que possam existir numa determinada sociedade. Numa crítica ao livro de Erikson e Goldthorpe, John Holnewod (Book Reviews, p. 717) realça este aspecto. Da sua crítica poderá inferir-se que a classificação adoptada no que respeita à sua diferenciação poderá, ela própria, ter dado origem a artefactos que prejudicaram a clareza dos resultados e a sua análise. Importa portanto encontrarem-se critérios de diferenciação das classes precisos para que a posição analítica do conceito se reforce.

J. S. Mill (1976, p. 131), receava que o processo de assimilação das diferenças entre "ordens", (*ranks*) sociais poderia conduzir à erosão da individualidade, na medida em que todos "...lêem, ouvem, vêem as mesmas coisas, visitam os mesmos lugares, têm os mesmos direitos e liberdades, e os mesmos meios para os fazerem respeitar". Este receio conduziu-o a exortar a individualidade e a argumentar em favor da diferenciação.

Sugerimos que os 140 anos que passaram desde que Mill exortou a individualidade e a diferenciação e, ao contrário do que temia, demonstram que, apesar da massificação de todos os processos a que ele se referiu, a individualidade e as diferenças se mantêm, tanto no campo individual-indivíduo como no campo individual-classe. As classes foram progressivamente encontrando bases de diferenciação entre elas apesar das dificuldades em as definir operacionalmente, em todos os campos da vida social, não apenas no económico.

Isto porque, a períodos de grande mobilidade sectorial, como por exemplo refere Goldthorpe quando analisa os efeitos da contracção do sector primário, a especialização do sector secundário e consequente expansão do terciário, se seguem períodos de consolidação (*id. ibid.*, p. 137-9), o que poderá implicar,

segundo Carvalho Ferreira *et al* (1995, p. 381), uma maior tendência para que a "imobilidade social" comece a surgir. Goldthorpe (1993, p. 394) prevê esta possibilidade em relação às classes mais poderosas e com maior influência ao propor que, apesar de elas não agirem colectiva e manifestamente, poderão através de estratégias comuns, mas individualmente seguidas, contraporem os seus superiores recursos a quaisquer mudanças resultantes de novas disposições institucionais, novas políticas sociais, etc. Esta possibilidade de acção individual concertada é evidente no que respeita a educação. Com a democratização e abertura do ensino a todas as classes, sob o princípio de serem criadas oportunidades iguais para todos, as classes económica e socialmente melhor situadas asseguram aos seus filhos as vantagens educacionais que lhes permitam competir favoravelmente no mercado de trabalho onde as melhores posições deixaram de estar asseguradas por direito adquirido.

Para concluir este breve resumo da evolução teórica sobre a problemática da mobilidade realçaremos duas noções que se afiguram importantes: a noção de consolidação das classes ou estratos sociais após períodos de mobilidade estrutural da sociedade, como por exemplo os períodos de contracção sectorial a que se justapõe a expansão e/ou criação de outros sectores de actividade, e a noção de reprodução dos mecanismos que asseguram às classes as vantagens adquiridas. Retirados de cada uma das duas grandes correntes sociológicas têm origem em explicações diferentes sobre a organização social e seu desenvolvimento. Contudo, não são totalmente dissemelhantes. A noção de consolidação é importante na medida em que remete para um processo prévio de mudança. Por outro lado, a noção de reprodução alerta para os mecanismos, também eles dinâmicos dada a sua adaptação a novas disposições estruturais, que promovem a manutenção das distâncias sociais relativas, isto é, a manutenção do *status quo*. Poderia sugerir-se que a mobilidade social, esse cursor dinâmico que situa os indivíduos em classes ou estratos num dado momento, desliza por entre um fluxo constante de mudança, consolidação e reprodução.

2.2.2. Análise dos elementos directamente relacionados com o presente estudo

Na secção anterior procurámos caracterizar o grande quadro teórico em que assenta a problemática da mobilidade social. A caracterização é fortemente omissa e não faz jus à riqueza teórica e variedade de estudos empíricos feitos sobre o conceito. Nesta secção procuraremos traçar o quadro operacional em que o presente estudo se insere.

Já foi referida a impossibilidade de isolar medidas que se apliquem exclusivamente a cada uma das correntes sociológicas referidas. Uma e outra avaliam a ocorrência ou não ocorrência de mobilidade em função de três parâmetros, nomeadamente, escolaridade/nível de instrução formal, profissão e estilo de vida dos indivíduos, entendendo-se por estilo de vida o modo como eles ocupam os seus tempos livres. Este último, que inclui todas as actividades culturais que se desenvolvem no seio das sociedades, tem sido negligenciado em relação aos outros dois parâmetros como foi assinalado por Erikson e Goldthorpe nas conclusões do seu recente livro que mencionámos na secção anterior. De salientar, particularmente, a secundarização da situação das mulheres no contexto da mobilidade. Na generalidade o peso da investigação tem incidido na mobilidade social masculina, já que às mulheres, independentemente do facto de serem solteiras, casadas ou chefes de família, lhes é atribuído, teoricamente, o estatuto do marido e não participam nas análises.

Como salienta Heath (1981) "nas sociedades capitalistas ocidentais as mulheres casadas dedicam-se principalmente ao trabalho doméstico, dentro das suas próprias casas, e são economicamente dependentes dos maridos. A profissão do marido constitui a principal articulação entre a família e a estrutura de classe." (Heath, 1981, p. 107). A posição de Erikson e Goldthorpe (1993, p. 264) é essencialmente idêntica, ao concluírem que quando se examinam os resultados de estudos, incluindo o deles, sobre a mobilidade social das mulheres casadas, pouco ou nada se ganha em levar em consideração a sua profissão como indicador da sua classe. Os indicadores mais fortes da classe das mulheres casadas são a classe do próprio pai e a do marido.

Analizamos de seguida e separadamente os três parâmetros.

a) A Escola

Numerosos estudos têm tratado sobre o papel da escola e os efeitos da sua democratização na mobilidade social. Heath (1981, p. 25) estabelece um paralelo entre as reflexões de Sorokin em 1927 e as posições assumidas por vários sociólogos na década de setenta. Segundo estes, e citando Heath, "a escola não faz mudar as pessoas; o que faz é dividir as crianças em grupos, dar-lhes um rótulo e uma nota reconhecidos pelo mercado de trabalho". Sorokin, cinquenta anos mais cedo, escrevera: "Presentemente, a escola para além de ser uma instituição de formação e instrução é simultaneamente uma peça de maquinaria social que testa as competências dos indivíduos, os gradua e selecciona, determinando a sua posição social futura."

Carvalho Ferreira *et al* numa súmula de conclusões de vários estudos especifica os mecanismos através dos quais a escola se manifesta como instituição de "oportunidades desiguais" em vez de fornecer a completa igualdade de oportunidades que pretendem as sociedades livres e democráticas. Tais mecanismos abrangem os hábitos culturais de origem, incluindo a capacidade de expressão linguística; conhecimento e aprendizagem prévios; adequação aos hábitos culturais dos estudantes como modelo erudito transmitido pela escola; capacidades económicas dos estudantes; relacionamentos sociais e redes informais de contactos. Destes mecanismos infere-se a importância do legado de classe que os pais passam aos filhos.

Porquanto, as investigações empíricas não deixam de apurar dados que atestam a mobilidade escolar entre as gerações de pais e filhos. Num estudo levado a cabo entre a população estudante do ISCTE (Ferreira de Almeida *et al*, 1988), 80,1% dos pais e 88,6% das mães dos estudantes de Gestão, Sociologia e Antropologia nunca frequentaram a Universidade e daqueles 34,3% dos pais e 42,7% das mães só tinham frequentado o ensino básico primário. Estes números, que se contrapõem ao anteriormente exposto poderão reflectir a especificidade da situação portuguesa *vis-a-vis* os países industrializados onde

foi feita a investigação em que nos temos baseado. Por um lado, nesses países, o nível de escolaridade obrigatória não se manteve tão baixo e por tanto tempo como em Portugal; por outro lado, o acesso à universidade foi facilitado e promovido há mais tempo do que em Portugal. Partindo desta base é provável que em Portugal haja condições para a ocorrência de uma forte mobilidade social, se as correspondentes oportunidades ocupacionais forem abertas pelo mercado de trabalho. Sob o ponto de vista das teorias funcionalistas /liberais é possível pois que Portugal esteja a experimentar um ciclo de mobilidade social durante uma fase de expansão criada pelas condições de abertura pós 25 de Abril, ao qual se siga o ciclo de consolidação previsto. No entanto, para se confirmar esta hipótese haveria que apurar-se a percentagem de jovens cujos pais e mães apresentam níveis educacionais baixos, semelhantes aos da amostra do estudo de Ferreira de Almeida *et al.*, que não tiveram acesso ao ensino superior e compará-la com a percentagem de jovens que não ingressaram na universidade mas que são filhos de pais licenciados ou que, pelo menos, frequentaram a universidade. Só mediante estas comparações poderemos concluir se os resultados que aparentam uma forte tendência para a mobilidade educacional ascendente, na verdade a reflectem, já que não temos estudos que nos elucidem sobre as tendências de mobilidade educacional em Portugal ao longo das últimas quatro ou cinco décadas.

b) A Profissão

São também muitos os estudos sobre mobilidade social que utilizaram a profissão como parâmetro de avaliação. A maioria dos estudos citados na secção anterior, no contexto do enquadramento teórico, teve como base a profissão intergeracional, comparando a profissão dos filhos à dos pais. Recordamos de forma breve a conclusão geral desses estudos, segundo a qual a mobilidade social não se tem registado em termos globais como fariam prever as teorias funcionalistas e liberais por um lado e como não fariam prever as teorias marxistas, por outro.

É provável, contudo, que tal decorra de problemas metodológicos relacionados com os critérios utilizados pelos investigadores para diferenciarem as classes de acordo com a profissão dos indivíduos.

Para exemplificar recorde-se o estudo Erikson e Goldthorpe (*id.*, *ibid.*, 1993). Para compararem os índices de mobilidade social registados nos doze países, Erikson e Goldthorpe tiveram que construir um sistema de classificação no qual pudessem ser recodificados os diferentes sistemas de classificação utilizados em cada um dos levantamentos nacionais de que aqueles investigadores se serviram. Ao fazer a análise da classificação elaborada por Erikson e Goldthorpe, Mike Savage (1994, p. 72) propõe que o problema mais importante a enfrentar por um estudo comparativo de mobilidade social é precisamente o dos critérios seguidos para se "medirem as classes, de modo que a mobilidade para uma classe ou a mobilidade para fora dela possa ser determinada". Sugerimos que o problema não reside exclusivamente quando se levam a cabo estudos comparativos de mobilidade social. O problema assume igual importância a nível nacional ou mesmo a um nível mais pequeno, como, por exemplo, o do presente estudo.

c) Estilo de vida

Um factor que poderá estar ou não ligado aos factores económicos e que poderá servir de factor de diferenciação entre classes está relacionado com o tipo de actividades de lazer escolhidos pelos indivíduos para ocuparem os seus tempos livres. A noção "tempos livres" é relativamente recente entre nós. A introdução dela através das actividades escolares está a facilitar a adesão das populações a uma repartição tripartida da sua vida social. Enquanto que largos sectores da população repartiam, até há relativamente poucos anos, o seu tempo activo essencialmente entre trabalho e vida doméstica, com esporádicas excepções nas alturas das festas, romarias e feiras anuais, hoje, a democratização da cultura, e a crescente apetência para a criação de "tempos de lazer" estão a modificar os hábitos. Como referimos mais acima, os hábitos de lazer estão relacionados com a classe social em que os indivíduos se inserem.

Por exemplo, "as classes operárias/trabalhadores" vêm mais televisão, enquanto as classes médias são as que mais frequentam o teatro, salienta Kenneth Roberts (1981, p. 241), acrescentando que "há poucas formas de recreação nas

quais a participação não esteja de algum modo relacionada com a classe social dos indivíduos quando esta é avaliada em termos de ocupação".

Como salientámos anteriormente, o interesse dos investigadores pela ocupação dos tempos livres por parte dos indivíduos tem sido realizado, provavelmente porque o estilo de vida esteja ligado à sua profissão.

Este indicador, porém, foi incluído no presente estudo para se avaliar, através dele e dos outros dois já analisados a existência de tendência para a reprodução de estilos de vida diferentes que acompanhem as mudanças que se postulam estar a operar-se entre os dois sub-grupos da população-alvo do estudo: os pescadores artesanais da vila e do campo de Sesimbra.

2.3. Suporte teórico-operacional da pesquisa

No âmbito do presente estudo não consideramos a mobilidade social como um índice absoluto de mudança de classe. Consideramos que o estatuto ou nível social de um indivíduo poderá mudar se se registarem alterações num ou mais indicadores de nível social, isto é, o grau de instrução, profissão, aquisição de fortuna, etc. sem que essas alterações impliquem, necessariamente, uma mudança de classe.

O objectivo principal do estudo é de confirmar uma hipótese de trabalho, retirada do conhecimento empiricamente adquirido pelo autor através do seu contacto com as populações de determinadas zonas do concelho de Sesimbra, nomeadamente os Pescadores Artesanais.

Mediante as diferenciações já estabelecidas no Capítulo 1, sobre a Caracterização do Concelho de Sesimbra, a noção de se estarem a esboçar diferenças, pelo menos aparentes, no desenvolvimento sócio-económico dos pescadores artesanais em função do seu local de residência, afigurou-se passível de ser submetida a uma análise quantitativa.

Assumindo-se a importância teórica do rendimento e da aquisição de bens de consumo duráveis no desenvolvimento económico real dos dois grupos da população alvo propõe-se: 1) que em virtude do aproveitamento dos seus bens de raiz, os pescadores artesanais do campo, apresentem índices de desenvolvimento económico mais elevados que os seus congéneres residentes na vila; 2) assumindo que, no que diz respeito ao desenvolvimento social, a educação é na generalidade considerada como factor determinante desse desenvolvimento, a taxa de escolaridade juntamente com a profissão e a ocupação de tempos livres foram escolhidas para variáveis independentes da segunda hipótese, ou seja, de que os filhos dos pescadores artesanais do campo apresentam tendências de mobilidade social significativamente diferentes das tendências entre os filhos dos pescadores da vila; 3) consequentemente, e dentro do proposto enquadramento teórico, propomos que a existência de economia inobservada conduz, no seio da população pescadora artesanal do concelho estudado, a uma diferenciação do nível social dos filhos dos pescadores do campo *vis-à-vis* os filhos dos pescadores da vila.

Para o devido efeito propomos um modelo com três vertentes, a vertente da economia inobservada, a vertente da mobilidade social e vertente conjunta economia inobservada/mobilidade social.

2.3.1. O Modelo

A) Economia Inobservada

Tomando o Rendimento Total (RT) - de cada pescador - como sendo igual à soma do Rendimento Declarado (RD), (rendimento que os pescadores auferem oficialmente) e do Rendimento não-Declarado (RnD), a existência de Economia Inobservada (EI), (variável dependente), será determinada quando $RT > RD$. Significando isto que RnD é igual a EI. RnD é uma função da posse dos bens de raiz, ou seja Terrenos (Tr), Casa(s) Alugada(s) (CA), Produção de Produtos Agrícolas (PA), e Produção de Animais (PAN), sendo estas as variáveis independentes da EI.

O modelo, em relação à economia inobservada, em termos matemáticos, terá a seguinte forma:

$$RT = (RD + RnD)$$

$$RnD = (RT - RD)$$

$$RnD = f(Tr, CA, PA, PAN) = EI$$

Este modelo não pretende quantificar a economia inobservada, pretende muito simplesmente verificar a sua possível ocorrência.

Se o Rendimento Total (RT) do pescador for maior que o seu Rendimento Declarado, teremos que existe economia inobservada. O pescador terá rendimentos extra se porventura for proprietário de casas que arrenda, ou criação de animais que vende, ou ainda, produção agrícola excedente que leva para o mercado para transaccionar. A posse de terreno, em si mesma, não implica necessariamente um rendimento, a menos que o tenha arrendado.

Em suma, poderemos afirmar que se todas ou algumas das variáveis independentes do nosso modelo se verificarem, independentemente do seu peso, estaremos perante a existência de Economia Inobservada - de rendimentos não declarados, pois:

$$RT > RD$$

$$\text{ou seja, } RnD > 0$$

B) Mobilidade Social

Considerem-se as várias classificações através das quais se caracteriza a mobilidade social (MS), isto é, a variação do nível social (ΔNS): mobilidade social intergeracional, ou seja, a que concerne diferenças de nível social entre duas ou mais gerações, e a intrageracional que implica a deslocação do indivíduo de um nível para outro durante o seu ciclo de vida, por exemplo, no início da sua carreira profissional e no fim da mesma; mobilidade social vertical, se se verificar uma deslocação ascendente ou descendente (subida ou

descida de nível), ou horizontal, se se limitar a ser uma deslocação de um estatuto para outro dentro do mesmo grau ou nível; e, mobilidade bruta, líquida ou estrutural (classificação especialmente utilizada nas chamadas tabelas de mobilidade). A mobilidade bruta é a soma da mobilidade estrutural e da mobilidade líquida, sendo esta última referente à capacidade do próprio indivíduo de se deslocar de um nível para outro. A mobilidade estrutural refere-se à deslocação do indivíduo de um nível para outro causada pela evolução da sociedade, é, por outras palavras, devida a alterações estruturais do sistema social, como por exemplo o desaparecimento de certas profissões, "forçando" a passagem do indivíduo para uma outra profissão, por a dele terá desaparecido.

Com efeito, para o nosso estudo interessam, fundamentalmente, os conceitos de mobilidade intergeracional, intrageracional, vertical e bruta.

Tal como foi dito em A) sobre o modelo proposto para a verificação de existência de EI, o modelo de mobilidade social que propomos não pretende quantificar nem oferecer uma medida objectiva da sua ocorrência.

i) Mobilidade intergeracional:

Neste tipo de mobilidade, a variável dependente é o NS (nível social) de cada um dos indivíduos que representam cada uma das gerações em estudo (poderão ser consideradas situações experimentais que envolvam mais do que duas gerações), e as variáveis independentes são os anos de escolaridade (AE), a profissão (Pr) e o estilo de vida (EV).

No caso de mobilidade intergeracional entre pais e filhos:

$$MS = \Delta NS$$

$$MS = NS_P - NS_F$$

onde:

P = pais, e

F = filhos

$$NS_P = f(AE_P, Pr_P, EV_P)$$

$$NS_F = f(AE_F, Pr_F, EV_F)$$

Mobilidade nula : $NS_P = NS_F$

Mobilidade ascendente : $NS_P < NS_F$

Mobilidade descendente: $NS_P > NS_F$

ii) Mobilidade Intrageracional:

O NS do indivíduo - variável dependente - é uma função que depende dos anos de escolaridade (AE), da profissão (Pr) e do estilo de vida (EV), (este último medido em termos de ocupação dos tempos livres) - as variáveis independentes.

Durante o seu ciclo de vida, a mobilidade social (MS) do indivíduo é representada por:

$$MS = \Delta NS$$

$$MS = NS_{t_1} - NS_{t_0}$$

Onde t_0 e t_1 são tempos diferentes do ciclo de vida do indivíduo.

$$NS_{t_0} = f(AE_{t_0}, Pr_{t_0}, EV_{t_0})$$

$$NS_{t_1} = f(AE_{t_1}, Pr_{t_1}, EV_{t_1})$$

O resultado da diferença das duas medições de NS recolhidas em alturas diferentes da vida do indivíduo pode ser:

$NS_{t1} = NS_{t0}$ — representando mobilidade nula

$NS_{t1} > NS_{t0}$ — representando mobilidade ascendente

$NS_{t1} < NS_{t0}$ — representando mobilidade descendente

C) Economia Inobservada e Mobilidade Social no presente estudo

Neste estudo, o modelo pretende testar em primeiro lugar a existência de Economia Inobservada (EI), entre os pescadores da vila e do campo. Em segundo lugar, verificar se se registam tendências para mobilidade social (MS) na vila e/ ou no campo que possam estar associadas à existência de economia inobservada.

i) Economia inobservada (EI)

A existência de EI implica que :

a) Vila (V)

$$RT_V = RD_V + RnD_V$$

$$\left. \begin{array}{l} \text{se } RT_V > RD_V \\ \text{ou } RnD_V > 0 \end{array} \right\} \Rightarrow EI$$

onde:

RT_V = Rendimento Total dos pescadores da vila

RD_V = Rendimento declarado dos pescadores da vila

RnD_V = Rendimento não declarado dos pescadores da vila

EI = Economia inobservada

b) Campo (C)

$$RT_C = RD_C + RnD_C$$

$$\left. \begin{array}{l} \text{se } RT_C > RD_C \\ \text{ou } RnD_C > 0 \end{array} \right\} \Rightarrow EI$$

onde:

RT_C = Rendimento Total dos pescadores do campo

RD_C = Rendimento declarado dos pescadores do campo

RnD_C = Rendimento não declarado dos pescadores do campo

EI = Economia inobservada

ii) Mobilidade Social (MS)

A ocorrência de mobilidade social (MS) intergeracional entre os pescadores da vila e/ou do campo e os seus descendentes é medida através das funções indicadas em B) i) atrás, quando se apresentou o modelo. Exemplificaremos aqui somente as condições em que ocorre, ou não, mobilidade social.

$$NS_{F_{V/C}} = NS_{P_{V/C}} \Rightarrow \text{mobilidade nula}$$

$$NS_{F_{V/C}} > NS_{P_{V/C}} \Rightarrow \text{mobilidade ascendente}$$

$$NS_{F_{V/C}} < NS_{P_{V/C}} \Rightarrow \text{mobilidade descendente}$$

onde:

NS = Nível social dos filhos (F) dos pescadores da vila e/ou campo
 $F_{V/C}$

NS = Nível social dos pais (P) dos pescadores da vila e/ou campo
 $P_{V/C}$

iii) A Mobilidade Social associada à Economia Inobservada

Neste estudo é postulada uma associação entre a ocorrência de Mobilidade Social (MS) e a existência de Economia Inobservada (EI). Postula-se também que a ocorrência de EI, ao verificar-se, na vila e/ou no campo, terá, como consequência, um maior poder de compra de bens de consumo duráveis e uma maior oportunidade de aquisição de bens e/ou serviços tais como, entre outros, a educação, que poderão resultar numa maior tendência para mobilidade social intergeracional (ou seja uma maior ou menor diferença de nível social entre pais e filhos dos pescadores do campo e/ou da vila).

Deste modo, e uma vez que a existência de Economia Inobservada é estabelecida através da posse e exploração de bens de raiz, ou seja o Rendimento não Declarado (RnD), teremos que estudar as situações em que podemos concluir existir EI.

Não é condição suficiente que o Rendimento Total dos pescadores da vila (RT_V) seja maior que o Rendimento Total dos pescadores do campo (RT_C) ou *vice-versa*, para se concluir que existe Economia Inobservada na vila ou no campo, respectivamente. Considere-se a seguinte situação:

$$RT_V > RT_C$$

$$RT_V = RD_V + RnD_V$$

$$RT_C = RD_C + RnD_C$$

$$RD_V = RD_C$$

O que implica necessariamente que:

$$RnD_V > RnD_C$$

Contudo só se RnD_C fôr igual a zero ($RnD_C = 0$) é que se poderá dizer existir alguma Economia Inobservada na vila e nenhuma no campo.

$$\begin{aligned} &\text{Se } RnD_C > 0 \\ &\text{e } RnD_V > RnD_C \end{aligned}$$

tudo quanto se pode afirmar é que EI é maior na vila do que no campo.

Porém, a hipótese de trabalho é que, a existir EI, ela será muito mais praticada no campo do que na vila, ou seja que:

$$\begin{aligned} &RT_C > RT_V \\ \text{Sendo } &RD_C = RD_V \\ \text{teremos } &RnD_C > RnD_V \\ \text{com } &RnD_V \geq 0 \end{aligned}$$

o que implica que, a existir na vila, ela é menor que a praticada no campo.

A existência de Economia Inobservada, de acordo com os pressupostos do modelo, só será confirmada se a correlação estabelecida entre a posse de bens de raiz, da qual depende o rendimento não declarado, e o poder de compra dos pescadores de campo e da vila, medido em função da posse de bens de consumo duráveis, for significativa. Em termos económicos, e no presente contexto, a posse de bens de consumo duráveis, é o indicador da ocorrência de Economia Inobservada.

Consequentemente e após estabelecida a existência de Economia Inobservada nos pescadores da vila e do campo, e depois de tratadas as variações de nível social (ΔNS) entre os pescadores e os seus filhos terão de ser feitos testes de correlação entre a existência de Rendimentos não Declarados e as variações do nível social, ou seja a tendência para a mobilidade social.

Para o efeito, e a fim de se poderem fazer os testes de correlação acima mencionados, teremos de determinar, numa primeira instância, se se verifica alguma tendência para a mobilidade intergeracional dos filhos dos pescadores através da existência de variações no seu nível social, avaliado a partir do seu grau de escolaridade, profissão e estilo de vida.

As hipóteses possíveis no que diz respeito aos sujeitos da vila são as seguintes:

$I_{V1} — NS_{FV} > NS_{PV} \Rightarrow$ há tendência para mobilidade social ascendente;

$I_{V2} — NS_{FV} = NS_{PV} \Rightarrow$ a mobilidade social é nula;

$I_{V3} — NS_{FV} < NS_{PV} \Rightarrow$ há tendência para mobilidade social descendente.

Quanto aos sujeitos do campo teremos:

$I_{C1} — NS_{FC} > NS_{PC} \Rightarrow$ há tendência para mobilidade social ascendente;

$I_{C2} — NS_{FC} = NS_{PC} \Rightarrow$ a mobilidade social é nula;

$I_{C3} — NS_{FC} < NS_{PC} \Rightarrow$ há tendência para mobilidade social descendente.

Numa segunda instância teremos que determinar se se verifica mobilidade intrageracional para cada um dos sujeitos, dentro do grupo vila e campo respectivamente, e subsequentemente compará-la em termos de magnitude.

Com efeito, o que se pretende, neste caso, é determinar qual dos sujeitos teve maior variação de nível social, por outras palavras, pretende-se calcular se há maior ou menor tendência por parte dos sujeitos da vila ou do campo, para mudar de nível social.

As alternativas possíveis, em termos de resultado final, serão as seguintes:

- a) $II_x — NS_{FC} > NS_{FV} \Rightarrow$ o que significa que o nível social dos filhos dos pescadores residentes no campo é superior aos dos filhos dos pescadores residentes na vila;
- b) $II_y — NS_{FC} = NS_{FV} \Rightarrow$ neste caso não haverá diferença entre estes dois grupos;
- c) $II_z — NS_{FC} < NS_{FV} \Rightarrow$ os filhos dos pescadores do campo têm um nível social inferior aos dos filhos dos pescadores da vila.

Após testadas as várias hipóteses poderemos obter várias combinações de I_C e I_V , podendo-se posteriormente identificar a situação com uma das alternativas, II_x, II_y, II_z .

As várias combinações possíveis e subsequentes resultados finais, são os seguintes:

$$1) (NS_{FV} > NS_{PV}), (NS_{FC} > NS_{PC})$$

$$I_{V1}, I_{C1} \Rightarrow \begin{cases} II_x - (NS_{FC} > NS_{FV}) \\ II_y - (NS_{FC} = NS_{FV}) \\ II_z - (NS_{FC} < NS_{FV}) \end{cases}$$

Só um dos três possíveis resultados finais (II_x, II_y e II_z) pode de facto ser observado, sendo esse dependente da magnitude de cada uma das tendências de mobilidade social intrageracional mencionadas.

$$2) (NS_{FV} > NS_{PV}), (NS_{FC} = NS_{PC})$$

$I_{V1}, I_{C2} \Rightarrow II_z (NS_{FC} < NS_{FV})$ isto implica que o nível social dos filhos dos pescadores do campo é inferior ao dos filhos dos pescadores da vila.

$$3) (NS_{FV} > NS_{PV}), (NS_{FC} < NS_{PC})$$

$I_{V1}, I_{C3} \Rightarrow II_z (NS_{FC} < NS_{FV})$ ou seja, que o nível social dos filhos dos pescadores do campo é inferior ao dos filhos dos pescadores da vila (situação idêntica à anterior mas de magnitude diferente).

$$4) (NS_{FV} = NS_{PV}), (NS_{FC} > NS_{PC})$$

$I_{V2}, I_{C1} \Rightarrow II_x (NS_{FC} > NS_{FV})$ não havendo mobilidade intergeracional na vila e sendo ascendente no campo, implica necessariamente um nível social dos filhos dos pescadores do campo superior ao dos filhos dos pescadores da vila.

$$5) (NS_{FV} = NS_{PV}), (NS_{FC} = NS_{PC})$$

$I_{V2}, I_{C2} \Rightarrow II_y (NS_{FC} = NS_{FV})$ não há diferença entre os dois grupos devido ao facto de ambos terem mobilidade nula.

$$6) (NS_{FV} = NS_{PV}), (NS_{FC} < NS_{PC})$$

$I_{V2}, I_{C3} \Rightarrow II_z (NS_{FC} < NS_{FV})$ a mobilidade intergeracional na vila é nula e no campo é descendente, logo o nível social dos filhos dos pescadores do campo é inferior ao dos filhos dos pescadores da vila.

$$7) (NS_{FV} < NS_{PV}), (NS_{FC} > NS_{PC})$$

$I_{V3}, I_{C1} \Rightarrow II_x (NS_{FC} > NS_{FV})$ a mobilidade descendente dos filhos dos pescadores da vila comparada com a mobilidade ascendente dos do campo implica que o nível social destes últimos é superior ao dos filhos dos pescadores da vila.

$$8) (NS_{FV} < NS_{PV}), (NS_{FC} = NS_{PC})$$

$I_{V3}, I_{C2} \Rightarrow II_x (NS_{FC} > NS_{FV})$ significa que se regista mobilidade descendente entre os filhos dos pescadores da vila, enquanto que, por se

manter sem alterações o nível social dos pescadores do campo, passa a ser superior ao dos filhos dos pescadores da vila.

$$9) (NS_{FV} < NS_{PV}), (NS_{FC} < NS_{PC})$$

$$I_{V3}, I_{C3} \Rightarrow \begin{cases} II_x - (NS_{FC} > NS_{FV}) \\ II_y - (NS_{FC} = NS_{FV}) \\ II_z - (NS_{FC} < NS_{FV}) \end{cases}$$

Conforme aconteceu na primeira combinação, em 1), nesta, poderá registrar-se uma das alternativas indicadas ou seja II_x , II_y e II_z . O resultado final dependerá da magnitude da descida de nível de cada um dos filhos dos pescadores da vila e do campo, respectivamente.

Para melhor exemplificar as nove possíveis combinações e os respectivos resultados, construímos a seguinte matriz:

Matriz 1

Matriz de combinações possíveis
e respectivos resultados

Filhos dos pescadores do campo

Filhos dos pescadores da vila

	$NS_F > NS_p$	$NS_F = NS_p$	$NS_F < NS_p$
$NS_F > NS_p$	II_x, II_v, II_z 1	II_z 2	II_z 3
$NS_F = NS_p$	II_x 4	II_v 5	II_z 6
$NS_F < NS_p$	II_x 7	II_x 8	II_x, II_v, II_z 9

onde:

$$II_x - NS_{FC} > NS_{FV}$$

$$II_y - NS_{FC} = NS_{FV}$$

$$II_z - NS_{FC} < NS_{FV}$$

Poderemos daqui concluir que a segunda hipótese deste estudo, relativa à mobilidade social intrageracional, se confirma nas células 4, 7, e 8 e nas células 1 e 9 quando o resultado corresponder à alternativa II_x , desde que se confirme a primeira hipótese relativa à economia inobservada, isto é, de que a existir, ela será superior entre os pescadores artesanais do campo.

CAPÍTULO 3

O MÉTODO

Foram feitas várias entrevistas exploratórias, entre Fevereiro e Maio de 1995, nomeadamente com a Câmara Municipal de Sesimbra, Mútua dos Pescadores (nacional e local), alguns membros do Sindicato Democrático dos Pescadores e outras entidades e personalidades locais. Estes contactos preliminares ajudaram à formatização do questionário e abriram caminho aos inquéritos realizados à população alvo.

3.1. Questionário

Os dados foram recolhidos através de um questionário de respostas fechadas. O questionário foi dividido em cinco secções principais: dados pessoais e familiares; dados profissionais; dados sobre os bens de raiz; dados sobre os bens de consumo; ocupação de tempos livres. Incluímos algumas perguntas destinadas a recolher percepções pessoais e uma pergunta sobre a existência ou não de contas bancárias (ordem e prazo), tendo esta por finalidade obter alguma informação sobre hábitos de aforro. Em Apêndice é incluída uma cópia do Questionário padrão.

A secção de dados pessoais e familiares diferencia a amostra em:

- a) três grupos etários: 20/35 anos; 36/55 anos; > 55 anos ⁵;
- b) estado civil;
- c) número de filhos e suas idades;
- d) habilitações do próprio, do cônjuge, dos filhos e dos Pais;
- e) profissão do cônjuge, dos filhos e dos Pais.

⁵ Os pescadores reformam-se aos 55 anos.

Na secção de dados profissionais obtem-se o salário médio mensal dos pescadores (os pescadores são normalmente pagos à semana), diferenciam-se os tipos de pesca artesanal praticados pelos inquiridos e identificam-se os pescadores que trabalham com o seu próprio barco. A fiabilidade das suas declarações foi verificada através de testemunhos de pescadores da vila e do campo que não fizeram parte da amostra.

A secção sobre bens de raiz visou recolher dados sobre o tipo de habitação dos inquiridos, a posse de terrenos e o seu aproveitamento em termos de turismo, cultivo, criação de animais tanto para consumo próprio com também para venda.

A secção sobre bens de consumo diferenciou meios de transporte próprio, bens necessários às ocupações principal e/ou secundária, electrodomésticos, telefone e outros bens que servem como indicadores do nível e/ou qualidade de vida.

Na secção de dados sobre a ocupação de tempos livres, diferenciaram-se actividades de lazer regulares (cinema, desporto, etc.) de actividades mais raras como, por exemplo, férias.

3.2. A amostra

Quarenta e oito pescadores foram aleatoriamente escolhidos a partir do registo da Mútua dos Pescadores, de pescadores artesanais, de acordo com dois critérios: residência e idade. Foram constituídos dois grupos principais segundo o critério de residência, isto é, vila e campo, e dentro de cada um destes dois grupos, foram constituídos três sub-grupos em função de três grupos etários, isto é, 20 a 35 anos, 36 a 55 anos e > 55 anos.

3.3. Procedimento

Os questionários foram conduzidos pessoalmente pelo investigador obviando efeitos provocados pela utilização de entrevistadores diferentes.

O investigador conhece o meio e é residente no concelho.

Todos os inquiridos foram informados sobre a finalidade do inquérito e o investigador forneceu provas da sua identidade e profissão.

A recolha de dados processou-se na presença dos inquiridos à medida que estes eram obtidos num contexto de conversa informal.

Os inquéritos aos pescadores residentes no campo foram feitos, na esmagadora maioria dos casos, nas suas próprias casas. Os pescadores residentes na vila preferiram que eles tivessem lugar nas suas lojas (armazéns), devido ao facto de passarem pouco tempo nas suas próprias casas (apartamentos, na maioria dos casos).

Os inquéritos foram feitos durante os meses de Junho, Julho e Agosto de 1995.

3.4. Quantificação dos dados

Para permitir um tratamento estatístico robusto, foram atribuídos pesos às variáveis "bens de raiz", "bens de consumo", "anos de escolaridade", "profissão" e "ocupação dos tempos livres" para se transformarem dados nominais em dados intervalares.

As análises estatísticas levadas a cabo para se testar o modelo, e o método seguido, estão descritos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS RESULTADOS E DO MODELO

Propusemos um modelo para avaliar a ocorrência de economia inobservada e os seus efeitos na mobilidade social. O modelo foi testado numa amostra de 48 pescadores artesanais da Vila e do Campo de Sesimbra prevendo-se que em virtude do desenvolvimento do turismo no campo desde o 25 de Abril e do aproveitamento dos seus bens de raiz como fonte de rendimento adicional, os pescadores do campo apresentariam um poder de compra mais elevado do que os seus camaradas da vila. No modelo, o poder de compra foi equacionado com posse de bens de consumo duráveis. O modelo correlaciona também a posse de bens de raiz com a mobilidade social dos filhos dos pescadores através da avaliação de índices de nível social relativos ao seu grau de escolaridade, profissão e estilo de vida.

4.1. Análise dos resultados

Em primeiro lugar, analisaremos os resultados de cada componente do modelo: as medidas relacionadas com a ocorrência de economia inobservada e as medidas relacionadas com a ocorrência de mobilidade social. A análise desses resultados é seguida do teste ao modelo e sua discussão.

4.1.1. Economia inobservada

A economia inobservada foi avaliada através da correlação de bens de raiz e de bens de consumo duráveis. Consideraram-se bens de raiz a posse de casa própria, casa arrendada, terrenos, terrenos com casas, hortas e animais assim como o produto destes últimos itens para consumo próprio ou para vender. O quadro 4.1 indica a distribuição, em percentagens, dos bens de raiz em função do grupo etário dos inquiridos e o seu local de residência.

Quadro 4.1

Distribuição em percentagens dos bens de raiz em função do grupo etário em que se inserem os inquiridos e seu local de residência

GRUPO ETÁRIO	BENS DE RAIZ (a)							
	CASA PRÓPRIA		CASA ARREND.		TERRENOS		TER. C/ CASAS	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35 anos	25,0	87,5	75,0	12,5	0	25,0	0	37,5
36/55 anos	62,5	87,5	37,5	12,5	0	25,0	0	50,0
+ 55 anos	62,5	100	37,5	0	0	62,5	0	37,5
% Média	50,0	91,0	50,0	8,3	0	37,5	0	41,6

GRUPO ETÁRIO	BENS DE RAIZ (b)							
	HORTA		ANIMAIS		CONSUMO PRÓPRIO		CONSUMO PP + VENDA	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35 anos	0	50,0	0	37,5	0	25,0	0	25,0
36/55 anos	0	62,5	0	62,5	0	25,0	0	37,5
+ 55 anos	0	62,5	0	62,5	0	50,0	0	25,0
% Média	0	58,3	0	54,1	0	33,4	0	29,1

A grande maioria dos pescadores do campo vive em casa própria (91%) enquanto que só 50% dos da vila residem em casa própria; os outros 50% tem casa arrendada (na maioria em Cooperativas de habitação ou bairros sociais). Os pescadores da vila não possuem terrenos. Por outro lado, 37,5% dos

pescadores do campo possuem terrenos, os quais em 41,6% dos casos tem casa(s).

Os pescadores da vila não têm hortas nem criam animais. Por seu turno, 58% dos pescadores do campo cultivam horta e 54% criam também animais. Destes, cerca de um terço diz que os produtos são para consumo próprio (havendo por vezes algumas sobras, contudo, não disseram claramente que as vendiam); 29% indica que também vende os produtos.

Instados a dizerem se já tinham vendido terrenos ou alugado casas a turistas, nenhum dos pescadores do campo confirmou esta possibilidade, que é aliás prática corrente nas localidades onde vivem. Apenas um pescador da vila disse alugar por vezes um quarto por ter uma casa razoável.

Em termos de posse de bens de raiz, é evidente a superioridade dos pescadores do campo. Não só dispõem de terrenos e casas que podem alugar como também disfrutam, para consumo próprio, dos produtos que cultivam e dos animais que criam, para além de não pagarem renda de casa, a qual, por muito baixa que possa ser, representa uma despesa adicional para metade dos pescadores da vila. Destes resultados poderá inferir-se que os pescadores do campo gozam de maior disponibilidade financeira para adquirirem bens de consumo duráveis. O quadro 4.2 indica a percentagem de inquiridos que já adquiriu os dezasseis exemplos de bens que foram seleccionados tanto em função do grupo etário e local de residência como também em função, exclusivamente do local de residência.

Quadro 4.2

Percentagem de inquiridos que possui bens de consumo duráveis em função do grupo etário em que se inserem e seu local de residência

BENS DE CONSUMO DURÁVEIS	GRUPO ETÁRIO						% MÉDIA	
	20/35 ANOS		36/55 ANOS		+55 ANOS			
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
Automóvel	25,0	62,5	25,0	75,0	12,5	50,0	20,8	62,5
Moto	0	25,0	0	0	0	12,5	0	12,5
Motorizada	25,0	37,5	37,5	37,5	25,0	0	29,1	25,0
Barco	0	0	25,0	37,5	0	37,5	8,3	25,0
Tractor	0	0	0	12,5	0	0	0	4,1
Carrinha	0	0	0	25,0	12,5	75,0	4,1	33,3
TV	37,5	87,5	87,5	100	100	100	75	95,8
Video	0	50,0	37,5	75,0	12,5	25,0	16,6	50,0
Hi-Fi	0	75,0	37,5	50,0	0	50,0	12,5	58,3
Parabólica	0	12,5	12,5	0	0	0	4,1	4,1
CD	0	25,0	0	25,0	0	50,0	0	33,3
Frigorífico	37,5	75,0	87,5	87,5	100	100	75,0	87,5
Arca	0	50,0	25,0	87,5	25,0	100	16,6	75,8
Máq. Roupas	25,0	62,5	87,5	87,5	75,0	100	62,5	83,3
Máq. Louça	0	25,0	12,5	37,5	25,0	37,5	12,5	37,5
Telefone	12,5	75,0	87,5	87,5	62,5	87,5	54,3	83,3

É clara a diferença entre os pescadores da vila e do campo quanto aos bens de consumo duráveis que possuem. Os pescadores do campo revelam sem dúvida possuir uma apetência de consumo muito mais marcada do que a dos seus camaradas da vila. Só dois dos itens constituem excepção: na posse de motorizadas, em que a vantagem dos pescadores da vila ligeiramente superior, 25% e 29,1% respectivamente, e na posse de parabólica em que os dois grupos não mostram diferença, nem particular interesse, 4,1%. Há itens que poderão só interessar aos pescadores do campo, como por exemplo um tractor ou uma carrinha. No entanto só 4% dos pescadores do campo possuem tractor,

enquanto que um terço possui carrinha. E entre estes, encontram-se os que também possuem automóvel, o que indica uma disponibilidade económica notável, se considerarmos como mais adiante assinalaremos, que a grande maioria dos pescadores quer da vila quer do campo, recebem sensivelmente o mesmo salário.

Entre o grupo etário mais jovem (20/35 anos) a amostra revela uma grande disponibilidade entre o número de casados e solteiros da vila e do campo. Enquanto que na vila só um dos inquiridos deste grupo etário já casou, há cinco casados no grupo do campo. Este factor por si poderia influenciar as médias globais dos grupos etários da vila *vis-à-vis* do campo, dado os pescadores solteiros que vivem em casa dos pais, salvo uma excepção na vila, não terem necessidade de adquirirem, pelo menos, alguns dos itens de consumo domésticos incluídos na lista. Por outro lado, poderá argumentar-se que os jovens casados, vivendo na sua própria casa e com filhos pequenos, não terão disponibilidade financeira para adquirirem tantos dos bens que os pescadores mais velhos foram adquirindo ao longo da sua vida. Os resultados referentes aos pescadores jovens do campo equiparam-se aos dos pescadores mais velhos do campo e são claramente superiores aos dos pescadores mais velhos da vila.

É interessante notar a partir dos resultados da tabela as apetências entre os pescadores mais velhos, acima dos 55 anos, os de idades medianas (36 a 55 anos) e os mais novos (20 a 35 anos). A preferência dos mais velhos, em termos de bens de consumo caseiros, situa-se nos chamados electrodomésticos, isto é, frigoríficos, arcas, máquinas de lavar roupa e loiça, preferência aliás mantida no grupo etário dos 36 aos 55 anos, se bem que mais equiparada à preferência pelos aparelhos de reprodução de som e imagem, como os vídeos e as *hi-fi*. Os mais jovens invertem, de certo modo, esta tendência, preferindo as *hi-fi* às máquinas de lavar roupa e os vídeos às máquinas de lavar loiça.

Da análise do quadro 4.2 é evidente a maior disponibilidade financeira apresentada pelos pescadores do campo em relação aos pescadores da vila. Este resultado é tanto mais surpreendente se nos reportarmos ao estudo de M. A. Cruz (*id. ibid.*, 1966) e às diferenças que há trinta anos atrás favoreciam claramente os pescadores da vila. Em três décadas, os pescadores do campo,

que então emigravam para a vila, deixando a família no campo, foram conseguindo sustentá-la, ultrapassaram em termos de poder de compra dos confortos da vida moderna, os seus camaradas da vila, os quais na altura, viviam um relativo desafogo quando comparados aos pescadores de outras vilas piscatórias do país, por exemplo, a Nazaré (Cruz *id.*, *ibid.*, 1966 e Mendonsa, *id.*, *ibid.*, 1982).

Os factores que terão dado origem a este desenvolvimento económico por parte dos pescadores do campo, poderão prender-se com o aproveitamento dos seus bens de raiz para fins turísticos, em virtude das condições criadas no campo de Sesimbra no pós 25 de Abril.

4.1.2 Mobilidade Social

A mobilidade social foi avaliada através de três parâmetros: escolaridade, profissão e ocupação de tempos livres.

i) Escolaridade

Através das respostas dos inquiridos recolheram-se os níveis de escolaridade de três gerações: dos pais e mães dos inquiridos, dos inquiridos e suas mulheres, e dos filhos e filhas dos inquiridos.

O quadro 4.3 indica, em percentagem, o grau de escolaridade das três gerações (pais/mães de inquiridos; inquiridos/mulheres; filhos/filhas dos inquiridos) em função do local de residência.

Quadro 4.3

Grau de escolaridade dos pais e mães dos inquiridos, dos inquiridos e suas mulheres, e dos filhos e filhas dos inquiridos com idades superiores a 16 anos, em função do local de residência dos inquiridos (percentagens)

Grau de Escolaridade	VILA						CAMPO					
	Pai	Mãe	Inqui- ridos	Mu- lheres	Filhos	Filhas	Pai	Mãe	Inqui- ridos	Mu- lheres	Filhos	Filhas
Analfabetos	45,8	58,3	8,3	57,2	-	-	50,0	58,3	8,5	57,8	-	-
Primário	54,2	37,5	50,0	21,4	-	-	45,8	33,3	54,1	10,6	15,4	-
Preparatório	-	4,2	37,5	21,4	14,3	-	4,2	4,2	16,6	15,8	-	7,7
Secundário Unificado	-	-	4,2	-	71,3	42,7	-	4,2	16,6	5,2	46,2	7,7
Secundário Complementar	-	-	-	-	14,4	50,1	-	-	4,2	10,6	38,4	53,8
Superior	-	-	-	-	-	7,2	-	-	-	-	-	30,8

O quadro 4.4 faz a representação gráfica dos resultados do quadro 4.3 A cada 'x' corresponde um indivíduo.

Quadro 4.4
Evolução da taxa de escolaridade global
ao longo das três gerações abrangidas pelo estudo

Univ				XXX XX	
Secundário Complem.		X	XX	XXX XXX X	XXXXXX XXXXXX XXXXX
Secundário Unificado	X	XXX XX	X	XXX XXX XXX XXX XXX X	XXX XXX X
Preparatório	XXX	XXXXXX XXXXXX X	XXX XXX	XX	X
Primário	XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX X	XXXXXXX XXXXXX XXXXXX XXXXXX	XXXX X	XX	
Analfabetos	XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX XXXXXXXXXX X	XX XX	XXXXX XXXXX XXXXX XX		
	PAIS	INQUIR.	MULH.	FILHOS	FILHAS

As respostas dos inquiridos sobre o grau de escolaridade deles próprios, das mulheres, dos pais e dos filhos revelam diferenças altamente significativas apesar da amostra, ela própria, incluir três gerações de pescadores e, portanto, poder apresentar sobreposições que obscurecessem as diferenças intergeracionais relativas aos anos de escolaridade (exemplificando, os Pais dos inquiridos com idades acima dos 55 anos ou mesmo os próprios inquiridos podem pertencer à geração dos avós dos inquiridos mais jovens). Independentemente destas sobreposições, é altamente revelador o facto de, no seu conjunto global, isto é, todas as medidas sobre anos de escolaridade recolhidas através dos questionários, quando distribuídos pelas três gerações revelarem claras diferenças intergeracionais.

Dentro das considerações de que merecem ser alvo os resultados relativos às diferenças intergeracionais que se registam, há a salientar diferenças entre os sexos. Se, por um lado, as mulheres que pertencem à geração dos Pais dos inquiridos e, em percentagem apreciável, as próprias mulheres dos inquiridos, apresentam níveis de escolaridade mais baixos do que os homens da mesma geração, o mesmo não sucede com as filhas dos inquiridos. Estas, ao contrário das Mães e Avós, atingem níveis de escolaridade significativamente mais elevados do que os rapazes da sua geração. O teste de Qui quadrado levado a efeito (Apêndice 1, C-3) realça a diferença entre eles. Bastará referir que enquanto se esperaria encontrar 15% dos rapazes com 12º ano e 11% na universidade, nenhum atingiu estes níveis. Por outro lado, em vez dos 15% de raparigas que se esperaria encontrar no 12º ano, encontram-se 26%; e em vez dos 11% de raparigas que se poderia esperar terem atingido a universidade, 19% frequentam ou acabaram um curso universitário.

Esta tendência marcante para maior escolarização por parte das filhas dos inquiridos em relação aos filhos, segue a tendência nacional, através da qual se conclui que hoje em dia o número de raparigas no ensino superior excede, em todos os domínios, à excepção das engenharias, o número de rapazes que os frequentam. Já Ferreira de Almeida *et al* (1988) a assinalava em relação aos estudantes de Sociologia do ISCTE. Porém, a tendência aqui verificada é muito forte em relação às tendências nacionais ou às tendências verificadas quando se analisam isoladamente as percentagens de homens e mulheres que frequentam cada um dos domínios do ensino superior.

Vários factores que necessitam ser investigados poderão estar na origem do fenómeno. Os efeitos da atitude conservadora das famílias de não permitirem às raparigas a mesma liberdade que permitem aos rapazes. Estes começam a sair sozinhos e a reunirem-se com amigos mais cedo do que as raparigas, as quais na generalidade, são também mais vigiadas no que respeita a pontualidade de chegada a casa depois das aulas. A imposição desta vigilância sobre as raparigas é mais fácil de gerir entre as famílias residentes no campo, já que as raparigas residentes na vila terão porventura mais oportunidade de escapar ao controlo familiar. É pois natural que a falta de distração e o controlo familiar estejam a provocar as diferenças significativas que se registam entre os sexos, e também as diferenças que existem entre as raparigas do campo e as da vila.

Em virtude da sua disparidade em termos de instrução, como será a relação entre as mães e as filhas? Pelas percentagens apresentadas no Quadro 4.3, verifica-se que enquanto 58% de todas as mães são analfabetas, 52% das filhas têm pelo menos o secundário complementar e que cerca de 30% das filhas residentes no campo frequentam ou já acabaram a universidade. Pelos poucos casos em que existe conhecimento directo mas superficial de mães analfabetas com filhas universitárias, a relação não aparenta ser íntima, ouvindo-se da parte das mães observações que permitem concluir da sua falta de entendimento pelas opções que as filhas querem tomar. As filhas "têm estudos" e "lá sabem" o que querem. As mães assumem o papel de facilitadoras materiais do conforto das filhas de modo que "nada lhes falte" e consigam ser "doutoras" para "terem uma vida diferente da delas." As raparigas aparentam ser fechadas e poucos comentários fazem quando a oportunidade surge para uma troca de opinião sobre os seus estudos e perspectivas futuras. Estudam em Lisboa onde, pelo menos algumas, passam a semana em quartos alugados a famílias, para não se cansarem com a viagem diária. Mas passam os fins de semana em casa dos pais e tendem a preservar as suas amizades de infância. Como distração, vão de vez em quando aos cafés e discotecas de Sesimbra.

Estes casos conhecidos reportam-se a pescadores do campo, com terrenos e casas alugadas ao ano ou à época a turistas mas que não fizeram parte da amostra do estudo. O sentido de posse de terras e de bens aparenta estar

fortemente desenvolvido, assim como o apego à família e aos antepassados. A ascendência traça-se por várias gerações com um orgulho semelhante ao das famílias de linhagem. As ramificações de parentesco são múltiplas denotando o forte "*in breeding*" dos locais isolados.

Estes factores poderão resultar em que, apesar dos seus cursos universitários, as raparigas filhas dos pescadores do campo, continuem ligadas à terra, às famílias e aos seus amigos de infância entre os quais poderão encontrar-se o futuro marido, o qual, em termos de instrução, poderá ter ficado bastante á quem delas, como se poderá depreender pelos mais fracos resultados demonstrados pelos rapazes. Estando a mobilidade feminina sujeita ao estatuto social dos maridos (Heath, 1981; Goldthorpe, 1993), o facto das raparigas apresentarem níveis de escolaridade elevados poderá não resultar numa mudança do estatuto social equivalente, em vista dos condicionalismos atrás referidos.

Por outro lado, no que diz respeito ao sexo masculino representado na amostra, o grau de escolaridade dos filhos dos pescadores da vila e do campo é significativamente superior ao dos pais, como era o destes em relação ao dos avós. O teste de Qui quadrado (Apêndice 1, C-1) encontra diferenças altamente significativas entre os níveis de escolaridade das três gerações. Sendo assim, poderia concluir-se que o nível social tem vindo a subir ao longo das três gerações. Contudo a mudança pode ser interpretada em termos da mudança estrutural operada a nível dos anos de escolaridade obrigatória. À medida que estes foram aumentando foi natural passar a encontrar-se pescadores com níveis de escolaridade correspondentemente mais elevados. O nível de escolaridade, por si só, não revela se de facto houve mudança de nível social. Os inquiridos são pescadores como o eram, na sua maioria, os seus pais. É necessário avaliarem-se as profissões dos filhos dos inquiridos para se saber se, através das oportunidades diferenciadas que o mercado de trabalho lhes oferece juntamente com as habilitações que possuem e que são mais elevadas que as dos pais, mostram tendência para mudarem de estatuto social.

ii) Profissão dos familiares dos inquiridos

O quadro 4.5 indica as percentagens relativas à profissão dos pais e filhos dos inquiridos.

Quadro 4.5
Percentagens relativas à profissão dos Pais e Filhos dos inquiridos
em função do local de residência dos inquiridos

PROFISSÃO	VILA		CAMPO	
	Pai	Filho	Pai	Filho
Pescador	100	57,0	70,0	31,0
Camponês	-	-	13,0	-
Operário	-	-	17,0	16,0
Serviços	-	36,0	-	37,0
Estudantes	-	7,0	-	16,0

Nota: Como só se incluem filhos com idades superiores a 16 anos, os filhos dos inquiridos com 20 a 35 anos de idade foi excluído.

De salientar em primeiro lugar que, enquanto os pais dos pescadores da vila são ou eram todos pescadores, a profissão dos pais dos pescadores do campo não se revelou tão homogênea. Setenta por cento eram ou são pescadores, os restantes 30% trabalham no campo ou são operários.

No que diz respeito aos filhos dos inquiridos, nota-se uma forte tendência para aqueles abandonarem a profissão dos pais. Só 57%, isto é um pouco mais de metade, dos filhos dos pescadores da vila se dedicam à pesca; no campo, como seria de esperar, a tendência, que já se esboçava anteriormente, pois só 70% dos pais são pescadores, é mais acentuada, uma vez que menos de metade dos filhos, 31%, continua a ser pescador.

Com a contracção da actividade pesqueira, a modernização da frota, a expansão do sector terciário, associada ao desenvolvimento do turismo, e a subida do nível de escolaridade, a mudança profissional está a operar-se no sentido previsível. Para além dos que ainda se encontram a estudar, a maioria dos filhos dos pescadores da vila e do campo que não são pescadores está a encontrar emprego no sector terciário.

Estes resultados revelam que o tecido social se está a modificar já que, à medida que o grau de escolaridade evolui entre os descendentes dos pescadores e o sector terciário se expande, estes tenham tendência para virem a desempenhar profissões não-manuais.

Pontualmente, portanto, no contexto de um grupo restrito como é o dos pescadores artesanais da vila e do campo de Sesimbra, pode concluir-se existir uma tendência para mobilidade social intergeracional.

A comparação das três gerações de mulheres abrangidas no presente estudo, isto é, as mães, as mulheres e as filhas dos pescadores inquiridos, revela transformações consideráveis.

Quadro 4.6

Percentagens relativas à profissão das Mães, Mulheres e Filhas dos inquiridos em função do local de residência dos inquiridos

PROFISSÃO	VILA			CAMPO		
	Mãe	Mulher	Filha	Mãe	Mulher	Filha
Doméstica	100	86,0	-	54,0	44,0	-
Camponesa	-	-	-	46,0	-	-
Operária	-	-	-	-	22,0	8,0
Serviços	-	14,0	64,0	-	34,0	52,0
Estudantes	-	-	36,0	-	-	40,0

Todas as mães dos pescadores da vila foram ou são domésticas o que corrobora as observações de Cruz (*id.*, *ibid.*, 1966) que atribuiu esta ocorrência, marcadamente diferente da realidade de então nos outros centros piscatórios do país onde as mulheres ajudavam os maridos na faina e vendiam peixe, ao alto nível económico usufruído pelos pescadores de Sesimbra. Já entre as mães dos pescadores do campo, as coisas não se passam da mesma maneira. Embora 54% sejam descritas como domésticas, 46% eram ou são trabalhadoras rurais.

Entre as mulheres dos inquiridos da vila, nota-se ainda uma forte tendência para não trabalhar fora. A tradição perde-se, no entanto, entre as filhas. Enquanto que 86% das mulheres dos pescadores da vila são domésticas (as restantes 14% estão empregadas no sector terciário), 64% das filhas que não são estudantes, trabalham no sector terciário e nenhuma é descrita como doméstica.

Entre as mulheres e as filhas dos pescadores do campo, as tendências são semelhantes. Deixou de haver trabalho rural. As grandes quintas foram sendo parceladas por heranças, e hoje, para além dos que cultivam as suas próprias terras ou uma pequena parte delas, não se encontram os trabalhadores rurais de até três décadas atrás. As parcelas foram sendo ocupadas pelos filhos onde construíram as suas casas, ou vendidas para construção de segundas habitações de famílias de Lisboa, de outras localidades e do estrangeiro. As grandes extensões de terras cultivadas, estão hoje salpicadas de construções; e as que não estão, servem de pasto para os grandes rebanhos de ovelhas e cabras necessários para se manter a antiga tradição do bom queijo desta região. São, porém, os rebanhos tudo o que resta das actividades rurais dum passado recente.

Não é de surpreender, portanto, que as camponesas trabalhadoras rurais de há trinta anos tenham dado lugar às empregadas no sector terciário e a operárias, as profissões escolhidas pelas mulheres dos pescadores do campo. Das filhas dos pescadores do campo, a par das suas congéneres da vila, nenhuma é descrita como doméstica. A maioria (52%) trabalha no sector terciário; 8% são operárias e 40% estudam. Os resultados revelam pois, a nível profissional, uma

forte tendência para a mobilidade no que respeita às filhas tanto dos pescadores do campo como da vila, já que as suas mulheres, as que trabalham no sector terciário, ao casarem com pescadores, assumem automaticamente o estatuto dos maridos.

iii) Ocupação dos tempos livres

Inquiridos

Tentou-se apurar como os inquiridos ocupavam os seus tempos de lazer e que actividades de interacção social eram mais procuradas. Uma lista de dez indicadores foi preparada para os inquiridos a qual, juntamente com as respostas, está indicada no Quadro 4.7 a seguir.

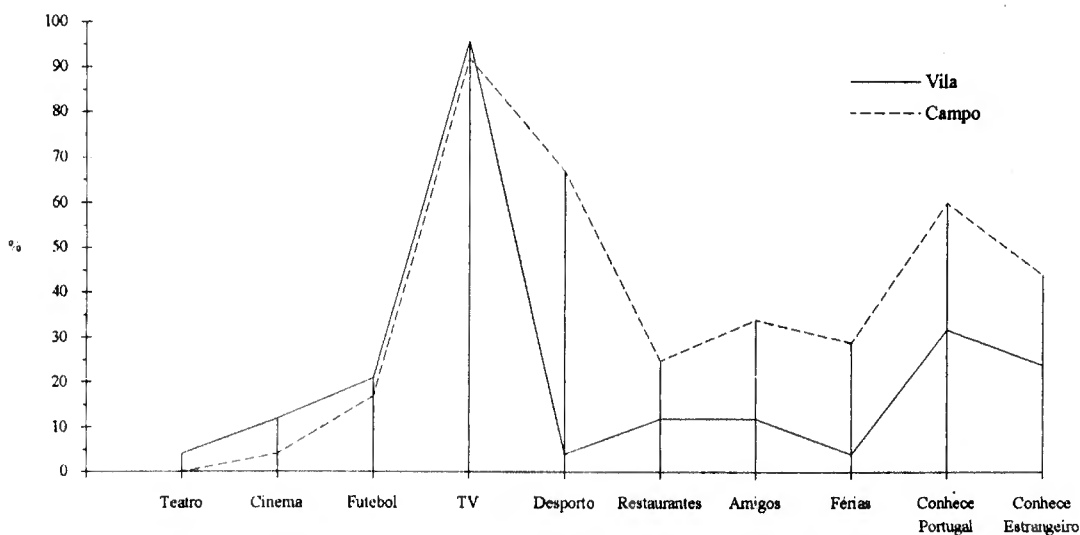
Quadro 4.7
Ocupação dos tempos livres dos inquiridos
em função do local de residência
(%)

TEMPOS LIVRES	Pescadores da Vila	Pescadores do Campo
Teatro	4	0
Cinema	12	4
Futebol	20	16
TV	92	88
Desporto (caça)	4	64
Discoteca	24	8
Comer fora:		
Restaurantes	12	24
Casa de amigos	12	32
Férias	4	32
Conhece Portugal	32	60
Conhece Estrangeiro	24	44

Para além do seu entretenimento favorito, a televisão, notam-se algumas diferenças entre o estilo de vida de uns e doutros. Uma certa apetência por parte dos inquiridos da vila para teatro (4%) e cinema (12%), quase ausente entre os pescadores do campo (0% e 4%, respectivamente). Não parecem ser grandes adeptos do futebol. Só 20% dos pescadores da vila dizem ir às vezes, enquanto o mesmo é dito por 16% dos do campo. Nas restantes actividades, os pescadores do campo mostram mais entusiasmo do que os pescadores da vila, principalmente no que diz respeito ao desporto. Entre os pescadores do campo, 64% faz caça; 4% dos pescadores da vila pratica desportos náuticos. Os pescadores do campo tendem a comer mais em restaurantes e em casa de amigos. Quase um terço dos pescadores do campo goza férias (32%) enquanto que entre os pescadores da vila só 4% o faz.

A seguinte representação gráfica ilustra como os inquiridos da vila e do campo dizem ocupar os seus tempos livres .

Gráfico 4.1



Apurámos ainda que enquanto 32% e 24% dos pescadores da vila dizem conhecer outras localidades de Portugal e estrangeiro, respectivamente, 60% e 44% dos pescadores do campo revelam conhecer Portugal e países estrangeiros. Só entre os inquiridos solteiros de idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos se encontram 6 da vila e 2 do campo que frequentam discotecas.

No seu conjunto, os pescadores do campo aparentam dedicar-se em maior número a outras actividades que não seja ver programas de televisão. Foi dada a todos os inquiridos a possibilidade de mencionarem outras formas de ocupação dos tempos livres. Só um referiu a leitura. Um outro, solteiro, do grupo etário dos 20 aos 35 anos, admitiu não fazer nada senão "curtir"!

Filhos dos Inquiridos

Foram também recolhidos dados sobre a ocupação, que os filhos com mais de 16 anos, fazem dos seus tempos livres. Apesar de terem sido só escolhidos três indicadores, aos inquiridos foi dada a oportunidade para mencionar outros. Os pescadores referiram só as actividades de lazer que estão certos que os filhos por vezes fazem.

O quadro 4.8 indica as percentagens dos filhos dos inquiridos que segundo estes comem fora em restaurantes, vão à discoteca, fazem férias, conhecem outras localidades de Portugal e conhecem um ou mais países estrangeiros.

Quadro 4.8

Percentagens de Filhos dos inquiridos que praticam actividades de lazer em função do local de residência dos inquiridos

TEMPOS LIVRES	VILA		CAMPO	
	Filhos	Filhas	Filhos	Filhas
Restaurantes	43	43	46	53
Discoteca	21	35	76	91
Férias:	50	50	76	68
em Portugal	50	50	76	68
no Estrangeiro	14	28	61	61

Em comparação com os pais, os filhos dos inquiridos são mais frequentadores de restaurantes, especialmente os do campo, gozam férias tanto em Portugal como no estrangeiro. Como se pode prever vão muito mais à discoteca do que os pais.

Entre os filhos e filhas dos pescadores da vila e do campo notam-se diferenças, algumas muito acentuadas. Enquanto que a frequência de restaurantes é semelhante, as idas à discoteca revelam grandes diferenças, sendo a percentagem de filhos e filhas de pescadores do campo, que frequentam as várias discotecas de Sesimbra, muito superior à dos filhos e filhas dos pescadores da vila, apesar de aqueles viverem mais longe e de necessitarem de transporte. Diferenças na mesma direcção notam-se em relação ao número que faz férias em Portugal e, mais acentuadamente ao número que já conhece o estrangeiro.

A frequência de discotecas, e o gozo de férias no estrangeiro são lazeres dispendiosos. Pelos dados recolhidos sobre as profissões dos filhos dos pescadores da vila, sabemos que só 7% são estudantes e que os restantes 93% são pescadores ou empregados. Quanto aos filhos dos pescadores do campo, a maioria já trabalha pois só 16% se encontram ainda a estudar. Poderá portanto prever-se que os filhos dos pescadores da vila e do campo que trabalham possam pagar férias no estrangeiro. No que respeita às filhas dos pescadores da vila poderá também colocar-se a mesma hipótese, já que 64% trabalham. Porém, a percentagem das filhas dos pescadores do campo que trabalham é inferior à das que fazem férias no estrangeiro.

Os dados recolhidos no presente estudo não são suficientemente esclarecedores. Contudo, não excluem a possibilidade dos filhos e filhas dos pescadores do campo usufruírem da maior disponibilidade financeira dos pais.

Uma pequena observação a concluir esta secção sobre os itens de ocupação de tempos livres escolhidos para as camadas mais jovens abrangidas pelo estudo. Sesimbra, sendo uma vila cada vez mais dedicada ao desenvolvimento do turismo, tem um cinema, pelo menos quatro discotecas e está pejada de restaurantes, bares e cafés. A juventude não tem muita escolha para além

destas, e de gozar a praia no Verão. O estilo de vida da juventude de Sesimbra é semelhante, sob um aspecto, ao dos jovens da capital que encham os bares e as discotecas de Lisboa. Aos jovens de Lisboa é oferecido um leque cultural muito mais vasto desde que possuam os meios e a vontade para o usufruir. As escolhas culturais em Sesimbra são bastante mais limitadas, como porventura as de qualquer vila turística de um país europeu em relação à sua capital.

4.1.3. Conclusão da análise dos resultados

Analisámos as componentes do modelo em termos das percentagens de respostas que os inquiridos forneceram, não só directamente ao que lhes dizia respeito, mas também aqueles que forneceram em relação aos seus familiares.

Desta análise, resultaram diferenças entre os inquiridos em função da localidade onde residem. Tais diferenças apontam, como se previa nas hipóteses de trabalho, para que os pescadores do campo estejam a usufruir de um nível de vida superior ao dos seus camaradas da vila, podendo este maior desafoço económico ser resultante de factores relacionados com economia inobservada que possam estar a contribuir para uma mobilidade social mais acentuada dos filhos e filhas de pescadores do campo em relação à que se regista entre os filhos e filhas dos seus camaradas da vila.

Passamos na secção 4.2 a seguir a apresentar a análise dos resultados através do modelo proposto para equacionarmos os factores de economia inobservada com as determinantes de mobilidade social e apurarmos a significância da sua correlação.

4.2 Análise do modelo

No presente estudo postulámos que:

- i) Os pescadores do campo e os pescadores da vila teriam idêntico rendimento declarado;
- ii) Os pescadores do campo por terem Bens de Raiz teriam um rendimento não Declarado superior aos da vila e que esta superioridade se reflectiria na posse de bens de consumo;
- iii) Os filhos (filhos+filhas) dos pescadores do campo, em virtude da maior disponibilidade financeira dos pais, apresentariam uma tendência mais pronunciada do que os filhos dos pescadores da vila para aumentarem os seus níveis de escolaridade, procurarem profissões com um estatuto social superior às profissões dos seus progenitores e optarem por estilos de vida mais diferenciados. A comprovar-se esta tendência, poderia concluir-se que a maior afluência dos pescadores do campo, em virtude do aproveitamento dos seus bens de raiz, poderia produzir como era de esperar, uma maior mobilidade social de entre os seus filhos e filhas.

Estes postulados são seguidamente analisados.

i) Determinação do salário médio mensal

Como está indicado no Quadro 4.9 a seguir, 82% dos pescadores tem um salário médio mensal (o pescador recebe normalmente à semana) entre 100 e 150 mil Escudos; 11% afirmam que o seu salário é inferior a 100 mil Escudos mensais e 7% colocam-no entre 150 e 200 mil Escudos mensais.

Quadro 4.9

Salário Médio mensal (em mil escudos) indicado pelos inquiridos

GRUPO ETÁRIO	SALÁRIO MÉDIO MENSAL (em mil escudos)							
	< 100		100-150		151-200		> 200	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35	1	-	7	8	-	-	-	-
36/55	-	-	8	7	-	1	-	-
+55*	1	3	4	4	1	1	-	-
Total	2	3	19	19	1	2	-	-
% DO TOTAL	11%		82%		7%		0	

*Nota: 2 dos inquiridos da vila não responderam.

Daqui se pode concluir que, de acordo com as respostas dadas pelos inquiridos, o rendimento declarado dos inquiridos não apresenta diferenças significativas.

- ii) Determinação do rendimento não declarado em função da posse de bens de raiz e de bens de consumo duráveis.

Para se determinar a ocorrência de efeitos da economia subterrânea no rendimento dos pescadores da vila e do campo comparou-se a posse de bens de raiz entre os dois grupos através do teste não paramétrico de Mann-Whitney para estabelecer a significância das diferenças detectadas. Os dados nominais (frequência) obtidos foram transformados através da distribuição de pesos aos vários itens da lista de bens de raiz em *scores*. (Vd. Apêndice 1, A-1, onde está indicada esta transformação e os cálculos do teste de Mann-Whitney).

Esta análise permite concluir que existe uma diferença altamente significativa na previsão unicaudal feita, isto é, de que os pescadores do campo possuem mais bens de raiz. O valor da estatística U observado de 81,5 para $n = 24$ nas duas distribuições é inferior ao valor de U nas tabelas, de 105, para $n = 20$ a $p < 0,005$, unicaudal. A hipótese nula é rejeitada.

Seguidamente, procurou-se através da correlação de bens de raiz com bens de consumo, determinar os efeitos da existência de economia subterrânea (determinada em função do aproveitamento dos bens de raiz) na qualidade de vida dos pescadores.

Os dados nominais (frequências) foram transformadas através da atribuição de pesos em *scores* de intervalo que permitem a aplicação do teste paramétrico de correlação Produto-Momento de Pearson. Ver Apêndice 1, A.2, onde está indicada aquela transformação e os cálculos do teste de Pearson.

O resultado do teste permite concluir que como previa a primeira hipótese de trabalho, existe uma correlação altamente significativa entre a posse e aproveitamento de bens de raiz e o consumo de bens duráveis. O valor da estatística r encontrado de 0,405, com graus de liberdade de 46 é altamente significativo e confirma a previsão unicaudal. Nas Tabelas o valor de r (que deve ser igual ou inferior ao valor de r encontrado para se confirmar a hipótese nula) é de 0,3721 a um $p < 0,005$.

Pelos resultados indicados poderemos concluir que no que respeita ao desenvolvimento económico medido através da aquisição de bens de consumo duráveis, se registam diferenças significativas entre os pescadores da vila e os do campo, sendo estes últimos, como se previa, quem apresenta hoje em dia maior poder de compra. Dado que a maioria dos pescadores da vila e do campo revelam receber das suas actividades piscatórias salário idêntico, poderá sugerir-se que o maior desenvolvimento económico dos pescadores do campo é devido ao aproveitamento dos bens de raiz que possuem (terrenos, casas, hortas, animais de criação) e que os pescadores da vila revelam não ter. Resta agora confirmar a segunda hipótese, nomeadamente, que os filhos dos pescadores do campo indiciam uma tendência mais acentuada do que os seus congéneres da vila de mobilidade intergeracional.

- iii) Determinação da mobilidade social entre os filhos dos pescadores da vila e os filhos dos pescadores do campo.

De acordo com o Modelo de mobilidade social associada à Economia Inobservada como ela é analisada neste estudo, os bens de raiz dos inquiridos e o seu aproveitamento como fonte de rendimento não declarado estão a provocar ritmos de mobilidade social diferenciados entre os filhos.

O resultado da análise estatística desta mobilidade intergeracional, medida em função dos níveis de escolaridade, profissão e estilo de vida (caracterizado pela ocupação dos tempos livres), permite concluir que há uma relação significativa entre os bens de raiz dos pescadores inquiridos e o nível social dos seus filhos e filhas. O valor de r da correlação Produto-Momento de Pearson igual a 0,369 é superior ao valor de r nas Tabelas igual a 0,343, para graus de liberdade iguais a 46, $p < 0,05$, unicaudal.

A segunda hipótese parece portanto confirmar-se.

Porém, quando se decompõem os *scores* relativos à escolaridade, profissão e estilo de vida dos filhos e filhas dos pescadores da vila e do campo, verifica-se que a tendência para uma mobilidade social por parte dos descendentes dos pescadores do campo poderá ser devida, por ora, pelo menos, ao peso relativo da grande escolaridade das filhas e do estilo de vida dos filhos e das filhas, já que as médias dos *scores* obtidos relativamente à profissão não apresentam diferenças entre os dois grupos.

O quadro 4.10, apresentado seguidamente apresenta as médias dos *scores* atribuídos para cada um dos três indicadores de mobilidade social utilizados, em função do sexo e local de residência dos filhos dos pescadores da vila e do campo.

Quadro 4.10

Média dos *scores* obtidos pelos filhos dos pescadores da vila e do campo nos três indicadores de mobilidade social, em função do sexo e do local de residência

Indicadores de Mobilidade Social	VILA		CAMPO	
	Filhos	Filhas	Filhos	Filhas
Escolaridade	4,2	5,3	4,0	6,5
Profissão	3,0	4,7	3,3	4,5
Estilo de Vida	1,7	2,0	3,3	3,4

As médias dos *scores* (ver Apêndice 1D) indiciam que o grau de escolaridade atingido pelos filhos dos dois grupos de pescadores é sensivelmente idêntico; assim como a média dos *scores* relativos à profissão. Entre os descendentes do sexo masculino dos pescadores da vila e do campo, a única média divergente diz respeito ao terceiro indicador, isto é, ao estilo de vida, sendo a diferença favorável aos filhos dos pescadores do campo.

Relativamente às filhas há que assinalar, em primeiro lugar, as diferenças que os seus *scores* indiciam em relação aos rapazes. No seu conjunto, as médias dos *scores* relativos à escolaridade são superiores às dos rapazes, principalmente a média apresentada pelas raparigas residentes no campo. Do mesmo modo, as médias dos *scores* das raparigas relativamente à profissão, também são mais elevadas do que a dos rapazes, o que parece indicar que os níveis de escolaridade superiores correspondem níveis profissionais também superiores. (É de salientar, neste contexto, porém, a diferença encontrada entre o número de raparigas e rapazes que ainda se encontram a estudar, e que aos estudantes foi atribuído o *score* de profissão mais elevado em vista das perspectivas futuras que um nível mais alto de escolaridade lhes poderá proporcionar. Os *scores* de profissão reflectem portanto e em parte, as expectativas futuras dos estudantes).

Entre os dois grupos de raparigas em função do local de residência dos pais há que apontar a diferença entre os seus *scores* de escolaridade, sendo o das raparigas residentes no campo superior, e ao facto de apesar desta superioridade, ela não encontrar correspondência no seu *score* de profissão. Dentro da amostra encontra-se um maior número de raparigas do campo a estudar, mas em contrapartida, das que já trabalham, 16% são operárias, uma categoria profissional à qual foi atribuído um *score* mais baixo do que à categoria de serviços onde se encontram empregadas todas as raparigas da vila que já trabalham.

Quanto ao estilo de vida, as raparigas residentes no campo diferenciam-se das raparigas da vila e maior número revela possuir maiores disponibilidades financeiras para usufruir das oportunidades de lazer indicadas.

Em resumo, a maior tendência para mobilidade social que se encontra entre os filhos e filhas dos pescadores do campo é devida sobretudo à influência do grau de escolaridade das filhas e aos estilos de vida mais diferenciados adoptados por maior número de filhos e filhas de pescadores do campo.

É prematuro tirar conclusões mais definitivas sobre diferenças de mobilidade social entre os dois grupos. Em primeiro lugar, porque as medidas sobre os dois grupos de filhos e filhas foram recolhidas indirectamente, através dos pais. E em segundo lugar porque é necessário apurar que profissões seguirão as raparigas que hoje se encontram a estudar na universidade.

4.2.1. Conclusão das análises

As diferenças sob o ponto de vista económico entre os pescadores da vila e do campo existem, independentemente do facto de elas serem atribuídas, como são no presente estudo, a factores que se prendem com a ocorrência de economia inobservada relacionada com a expansão das actividades turísticas e de aquisição de segundas habitações na zona do campo de Sesimbra.



No conjunto dos dois grupos de inquiridos, regista-se mobilidade intergeracional entre todos os pescadores e seus filhos e mais acentuadamente entre todos os pescadores e as filhas, principalmente no campo, dado o nível de escolaridade muito mais elevado delas. A mobilidade intergeracional ocorrida entre as mulheres dos pescadores e as filhas é notável, tanto em termos educacionais como profissionais, sendo também mais acentuada no campo.

Porém, ao compararmos a mobilidade intergeracional dos filhos e filhas dos inquiridos, poderemos concluir que os efeitos do maior desafio económico por parte dos pescadores residentes no campo estão a incidir mais marcadamente nas filhas do que nos filhos. Estes, em termos de nível de escolaridade e profissão, não parecem diferir dos seus congéneres da vila, já que a única diferença detectada entre eles reside no estilo de vida.

No seu conjunto, as filhas dos pescadores por atingirem graus de escolaridade mais elevados que os rapazes e profissões socialmente mais pontuadas, indiciam uma mobilidade social mais acentuada do que os seus irmãos em relação aos progenitores. Contudo, como se constatou na exposição do enquadramento teórico, a sua mobilidade será efectuada pela do marido que escolheram.

Sob o ponto de vista das teorias de estratificação social, a mobilidade intergeracional está a registar-se a níveis significativos, entre os pescadores artesanais de Sesimbra. Sob o ponto de vista da teoria de classes, esta ocorrência poderá ser interpretada como uma consequência de mudanças estruturais operadas no seio da sociedade, como por exemplo, contracção das actividades relacionadas com a pesca e a expansão do sector terciário provocada pelo desenvolvimento do turismo, aliadas às profundas alterações introduzidas no sistema educativo nos últimos quinze anos, no que respeita à escolaridade obrigatória. Há duas gerações, os pescadores eram analfabetos ou possuíam apenas a quarta classe, situação que então era corrente. Os seus netos têm, no mínimo, o nono ano. Em termos educacionais, denota uma mobilidade social marcada. Em termos de mobilidade líquida, ela não se registou, pelo

menos, para os netos que continuam a ser pescadores, já que o grau de escolaridade que estes atingiram passou, na sua geração, a ser norma.

Em relação ao modelo proposto, poderá concluir-se, portanto que em termos globais, as hipóteses em torno das quais ele foi construído, foram confirmadas.

Porém, é necessário conduzirem-se futuramente estudos que permitam a análise das questões levantadas pela presente investigação, nomeadamente, porque razão as raparigas mostram mais apetência para continuarem a estudar e, inversamente, que factores estão a contribuir para que os rapazes desistam de estudar mais cedo; esclarecer, no que diz respeito à profissão, a categoria "serviços" aplicada, no presente estudo, num sentido demasiadamente lato; aprofundar e esclarecer todas as estratégias que são utilizadas para fazer aumentar o rendimento não-declarado; e obter, directamente, junto das camadas mais jovens dos 20 aos 30 anos, o seu perfil no que respeita à escolaridade, à profissão, à ocupação dos seus tempos de lazer, e no caso das mulheres casadas à posição social do marido.

CONCLUSÃO

O teste feito ao modelo proposto permite concluir que:

- a) Através da comparação do rendimento total dos pescadores da vila e do campo, sendo o rendimento total equivalente à soma do rendimento declarado e do rendimento não declarado, é altamente provável que o maior desenvolvimento económico que se regista entre os pescadores do campo em relação aos da vila, medido através da aquisição de bens de consumo duráveis, seja consequência do aproveitamento dos bens de raiz que os pescadores do campo possuem.
- b) Os pescadores do campo estão em posição de obter rendimento dos bens de raiz, mercê do desenvolvimento turístico e suas consequências na economia local, e que por tal ocorrência têm hoje maior poder de compra do que os seus congéneres da vila, ao contrário do que se registava há uns meros 20 anos atrás.
- c) Em termos globais, quando se consideram em conjunto, os filhos e filhas dos pescadores do campo apresentam uma tendência para mudança de nível social significativamente mais acentuada do que os filhos dos pescadores da vila. Porém, a significância desta diferença, muito provavelmente, é devida ao peso dos factores de mudança social entre as filhas dos pescadores do campo.

No caso específico da vila e campo vizinho de Sesimbra são importantes as diferenças encontradas pelo estudo em relação à descrição feita por Cruz nos anos sessenta. De um lado os pescadores do campo, vivendo a escassos quilómetros da vila eram forçados a emigrar para ela por falta de estradas e transportes para procurarem o sustento das suas famílias, já que o campo era pobre e isolado; as suas mulheres trabalhavam no campo e/ou dedicavam-se à casa e à família; do outro lado, os pescadores da vila vivendo mais desafogadamente do que não só os pescadores do campo, mas também

relativamente aos pescadores de outras vilas piscatórias dos país como identifica o facto das suas mulheres não precisarem de trabalhar. Em três décadas, com o desenvolvimento da rede viária e a consequente expansão do turismo, os terrenos pobres dos pescadores do campo ter-se-ão transformando em fontes de riqueza, permitindo-lhes um desenvolvimento económico superior aos da vila.

Temos argumentado que esta viragem de posições foi devida, (sob uma perspectiva económica), ao aproveitamento dos bens raiz que os pescadores do campo possuem juntamente com o facto de se ter acentuado drasticamente a procura turística. Isto é, uma vez criada a oportunidade regista-se, provavelmente pela primeira vez, a ocorrência de economia inobservada no campo de Sesimbra. É difícil provar-se que só a partir da década de setenta, com o advento do 25 de Abril e o desenvolvimento que ele trouxe à região, a economia inobservada se tenha praticado no campo de Sesimbra. Porém, o contrário é igualmente difícil de provar. O importante é que os seus efeitos, isto é, o desenvolvimento económico dos pescadores do campo só é visível a partir de então, quando são criadas as condições para a sua ocorrência.

Concordamos com Villaverde Cabral de que a economia inobservada "está connosco há muito tempo" (Cabral, *id.*, *ibid.*, p. 20). Mas acrescentaríamos que ela só se regista quando há oportunidade, o que implica que as velhas assim como as novas estratégias utilizadas para o seu desenvolvimento estão acima de tudo dependentes da oportunidade que é criada. O desenvolvimento das infraestruturas como, por exemplo, da rede viária e da tecnologia, poderá propiciar portanto o desenvolvimento das economias inobservadas pelas próprias oportunidades que criam. Deste modo poderá perceber-se por que é precisamente nos países mais desenvolvidos que as actividades económicas inobservadas estão em franca expansão.

O crescimento da economia inobservada está relacionado com a mobilidade social, não só como indicam as tendências encontradas no presente estudo como também nos casos documentados noutros estudos como o de Villaverde Cabral (*id.*, *ibid.*, 1983).

No caso do presente estudo, no qual uma das variáveis da mobilidade social, a profissão, foi controlada já que por definição todos os inquiridos são pescadores, nota-se uma nítida tendência por parte dos filhos dos pescadores para abandonarem a profissão dos pais e escolherem outras profissões socialmente mais elevadas, pois cerca de metade dos filhos dos pescadores entrevistados já não são pescadores. Em relação às suas mães e avós, as filhas dos pescadores inquiridos apresentam tendências de mobilidade extraordinariamente acentuadas. Só a recolha de dados directos sobre as aspirações, ambições e realizações desta geração mais jovem *vis-a-vis* das dos seus progenitores poderia permitir uma análise mais aprofundada sobre a magnitude e a qualidade das diferenças que se adivinham existir entre as duas gerações em vista dos níveis de escolaridade que as separam.

A vila e o campo de Sesimbra estão a atravessar um período de grandes modificações estruturais. Apesar da pesca continuar a ser uma factor económico relevante, deixou de manter a posição de quase exclusividade que se verificava até à década de setenta. O desenvolvimento do turismo e a crescente procura de segunda habitação, estão rapidamente a ultrapassá-la. Carecem estudos sobre as transformações estruturais que se estão a operar e sobre as consequências destas na evolução do tecido social das populações locais.

Esperamos que o presente estudo sirva de piloto aos vindouros, que não só se debrucem sobre a região de Sesimbra, como também sobre tantas outras do país, nas quais o turismo está a sobrepôr-se ou pelo menos a equiparar-se às actividades económicas tradicionais.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

<i>Testes Estatísticos</i>

A: Testes referentes à economia inobservada (Modelo - Capítulo 2);

- 1 - Mann-Whitney;
- 2 - Correlação Produto-Momento de Pearson.

B: Teste referente à mobilidade social (Modelo - Capítulo 2);

- 1 - Preparação dos dados;
- 2 - Correlação Produto-Momento de Pearson.

C: Testes comparativos sobre a taxa de escolaridade (Análise dos resultados - Secção 4);

- 1 - Qui-quadrado - análise do nível de escolaridade de todos os indivíduos do sexo masculino abrangidos pelo Estudo;
- 2 - Qui-quadrado - análise do nível de escolaridade de todos os indivíduos do sexo feminino abrangidos pelo Estudo;
- 3 - Qui-quadrado - análise do nível de escolaridade dos filhos e filhas dos inquiridos;

D: Médias dos scores obtidos pelos filhos dos pescadores da vila e do campo nos três indicadores de mobilidade social, em função do sexo e do local de residência.

Testes Estatísticos

A: Testes referentes à economia inobservada.

1 - *Teste Mann-Whitney* ⁶

Diferenças entre os pescadores em função do local de residência relativas à posse de bens de raiz.

Pesos conferidos a cada item de "Bem de Raiz":

Factor - A

Casa própria-3; Casa dos pais-2; Casa arrendada-1.
Terrenos-1; Terrenos com casa-2.

Factor - B

Horta-1; Animais-1 por cada espécie; (suficiente para consumo próprio e/ou venda) consumo/venda-2.

⁶ in, SIEGEL, S. (1956) Nonparametric Statistics for Behavioral Sciences. New York, McGraw Hill Book Co. (Int. Student edn.)

Entre os dois grupos Vila e Campo no factor A, já que no factor B nenhum inquirido na vila disse ter terrenos, horta ou animais de criação doméstica.

Grupo Vila	Ordem 1	Grupo Campo	Ordem 2
2	16,5	5	44,0
1	7,0	5	44,0
1	7,0	3	26,5
1	7,0	1	7,0
1	7,0	2	16,5
3	26,5	3	26,5
1	7,0	4	36,5
1	7,0	5	44,0
2	16,5	5	44,0
2	16,5	3	26,5
3	26,5	2	16,5
3	26,5	4	36,5
1	7,0	5	44,0
3	26,5	1	7,0
1	7,0	5	44,0
2	16,5	4	36,5
3	26,5	5	44,0
3	26,5	4	36,5
3	26,5	5	44,0
1	7,0	3	26,5
3	26,5	4	36,5
1	7,0	4	36,5
1	7,0	3	26,5
3	26,5	5	44,0
46	T ₁ =381,5	90	T ₂ =794,5
Média=1,9		Média=3,75	

$$U = n_1 n_2 + \frac{n_1 (n_1 + 1)}{2} - T_1$$
$$U = 24 \times 24 + \frac{24 \times 25}{2} - 794,5$$
$$U = 576 + 300 - 794,5$$
$$U = 81,5$$

Valor crítico da variável U nas tabelas para n=20 nas duas situações, e unicaudal a um valor de p<0,005, é de 105. O valor de U encontrado, igual a 81,5 é inferior. A hipótese nula é rejeitada.

2 - Teste de correlação Produto-Momento de Pearson⁷ ;

Correlação entre posse de bens de raiz e bens duráveis de consumo;

⁷ in, WINER, B. J. (1962) Statistical Principles in Experimental Design. New York, McGraw Hill Book Co.

Pesos conferidos a cada item de bens de consumo.

Carro-4; Moto-3; Motorizada-2; Bicicleta-1; Barco-5; Tractor-4; Carrinha-4; TV-1; Vídeo-5; Hi-Fi-7; Parabólica-9; CD-8; Frigorífico-3; Arca frigorífica-4; Máquina de lavar-roupa-4; Máquina de lavar-loiça-6; Telefone-2.

Teste de Correlação Produto-Momento de Pearson:

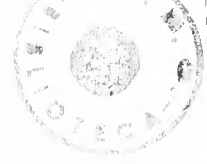
Pearson

Sujeitos	a Raiz	b Consumo	4 a x b	a ²	b ²
1	2	40	80	4	1600
2	1	10	10	1	100
3	1	8	8	1	64
4	1	0	0	1	0
5	1	14	14	1	196
6	3	2	6	9	4
7	1	0	0	1	0
8	1	0	0	1	0
9	2	14	28	4	196
10	2	26	52	4	676
11	3	16	48	9	256
12	3	46	138	9	2116
13	1	19	19	1	361
14	3	19	47	9	361
15	1	12	12	1	144
16	2	12	24	4	144
17	3	12	36	9	144
18	3	25	75	9	625
19	3	10	30	9	100
20	1	20	20	1	400
21	3	60	180	9	3600
22	1	18	18	1	324
23	1	10	10	1	100
24	3	4	12	9	16
25	13	20	260	169	400
26	13	29	377	169	841
27	3	33	99	9	1089
28	1	17	17	1	289
29	2	44	88	4	1936
30	4	2	8	16	4
31	9	10	90	81	100
32	13	45	585	169	2025
33	12	49	588	144	2401
34	11	33	363	121	1089
35	2	40	80	4	1600
36	4	28	112	16	784
37	12	25	300	144	625
38	1	39	39	1	1521
39	12	35	420	144	1225
40	11	13	143	121	169
41	8	36	288	64	1296
42	10	47	470	100	2209
43	11	43	473	121	1849
44	9	21	231	81	441
45	4	18	72	16	324
46	10	32	320	100	1024
47	9	24	216	81	576
48	5	28	140	25	784
	Σa:235	Σb:1108	Σa x b:6646	Σa ² :2009	Σb ² :36128

Pearson

$$r = \frac{N \sum a \times b - \sum a \times \sum b}{\sqrt{\left[N \sum a^2 - (\sum a)^2 \right] \left[N \sum b^2 - (\sum b)^2 \right]}}$$
$$r = \frac{(48 \times 6.646) - (235 \times 1.108)}{\sqrt{(48 \times 2.009 - 235^2)(48 \times 36.152 - 1.108^2)}}$$
$$r = \frac{319.008 - 260.380}{\sqrt{(41.207)(507.632)}}$$
$$r = \frac{58.628}{144.633}$$
$$r = 0,405$$

Valor crítico da variável r nas tabelas para N=48, com graus de liberdade igual a 46, a um valor de $p < 0,005$ é de $r = 0,372$. O valor observado de $r = 0,405$ é superior. A hipótese nula é rejeitada.



B - Testes referentes à Mobilidade Social

1. Preparação dos dados

A preparação dos dados envolve a identificação de todos os filhos e filhas dos pescadores da vila e do campo nos grupos etários dos 36-55 anos e acima dos 56 anos, com idades superiores a 16 anos, e retirados dados sobre anos de escolaridade, profissão e ocupação de tempos livres.

Atribuíram-se pesos em função dos anos de escolaridade, da profissão e da ocupação de tempos livres.

Pesos:

Anos de escolaridade	4ª Classe	1
	6º Ano	2
	8º Ano	3
	9º Ano	4
	10º Ano	5
	11º Ano	6
	12º Ano	7
	Universidade	8
Profissão	Pescador	2
	Operário	2
	Empregado	4
	Estudante	6
Ocupação dos tempos livres	Frequentar restaurantes	1
	Frequentar discotecas	1
	Gozar férias	1
	Conhecer Portugal	1
	Conhecer o estrangeiro	1

Em vista do facto de um pescador poder ter mais do que um filho, usaram-se as médias ponderadas por família para serem correlacionadas com os indicadores de bens de raiz cada pescador inquirido com filhos de idades superiores a 16 anos. Estas médias ponderadas representam o Nível Social dos filhos dos pescadores.

O Teste de Correlação Pearson foi aplicado sobre o indicador de bens de raiz de cada pescador e o indicador de nível social correspondente ao conjunto dos seus filhos.

2. Correlação Produto-Momento de Pearson

A	B	a x b	a2	b2
Bens Raiz	MS			
2	7	14	4	49
2	14	28	4	196
3	14	42	9	196
1	8	8	1	64
1	7	7	1	49
3	6	18	9	36
3	10	30	9	100
1	12	12	1	144
3	9	12	9	81
1	13	13	1	169
3	11	33	9	121
12	11	132	144	121
11	15	165	121	225
4	14	56	16	196
12	9	108	144	81
1	14	14	1	196
12	18	216	144	324
11	15	165	121	225
8	13	104	64	169
10	13	130	100	169
11	12	132	121	144
9	13	117	81	169
4	3	12	16	9
10	16	160	100	256
9	10	90	81	100
5	12	60	25	144
Σa 152	Σb 299	Σ 1878	Σ 1336	Σ 3733

$$r = \frac{N \sum a \times b - \sum a \times \sum b}{\sqrt{\left[N \sum a^2 - (\sum a)^2 \right] \left[N \sum b^2 - (\sum b)^2 \right]}}$$

$$N = 26$$

$$r = \frac{(26 \times 1878) - (152 \times 295)}{\sqrt{(26 \times 1336 - 23,104)(26 \times 3733 - 87,025)}}$$

$$r = \frac{48,828 - 44,840}{\sqrt{11,632 \times 10,033}}$$

$$r = \frac{3988}{10,802}$$

$$r = 0,369$$

O valor crítico da variável r nas tabelas para graus de liberdade iguais a 46, a um valor de $p < 0,01$ unicaudal, é de 0,3384.

O valor de r observado de $r = 0,369$ é superior.

A hipótese nula é rejeitada.

C - Testes de Qui-quadrado (4.2 no texto)

Descrição dos resultados.

C-1 Análise do nível de escolaridade entre os inquiridos, os seus pais e os seus filhos (sexo masculino; vila e campo em conjunto).

Categorias Familiares	Nível de escolaridade								
	Analfabetos	4ª	6º	8º	9º	10º	11º	12º	Totais
Pai	23	24	1	0	0	0	0	0	48
Inquirido	4	25	13	1	4	0	0	1	48
Filho	0	2	2	3	13	3	4	0	27
Totais	27	51	16	4	17	3	4	1	123

Dada a necessidade de eliminar tanto quanto possível células onde não se registam frequências, consideram-se só as seguintes divisões de nível de escolaridade: analfabetos; 4ª; 6º+8º; 9º; 10º+11º+12º.

Assim as frequências sobre as quais se aplica o teste são as seguintes:

Categorias Familiares	Níveis de Escolaridade					
	Analfabetos	4ª	6º+8º	9º	10º+11º+12º	Totais
Pai	1 23** (10,5*)	2 24 (19,9)	3 1 (7,8)	4 0 (6,6)	5 0 (3,1)	48
Inquirido	6 4 (10,5)	7 25 (19,9)	8 14 (7,8)	9 4 (6,6)	10 1 (3,1)	48
Filho	11 0 (5,9)	12 2 (11,2)	13 5 (4,4)	14 13 (3,7)	15 7 (1,8)	27
Totais	27	51	20	17	8	123

* FE = Frequência esperada.

** FO = Frequência observada.

$$\chi^2 = \sum \frac{(FO - FE)^2}{FE}$$

$$\chi^2 = 80,32$$

O valor crítico da estatística χ^2 nas tabelas, para graus de liberdade iguais a 8 é de 16,12 a um $p < 0,001$.

O valor observado de $\chi^2 = 80,3$ é superior e portanto a hipótese nula é rejeitada.

C-2 Análise do nível de escolaridade entre as Mães, as Mulheres e as Filhas dos inquiridos (sexo feminino; vila e campo em conjunto)

Categorias Familiares	Níveis de Escolaridade						
	Analfabetos	4ª	6º	9ª	12ª	UNIV.	Totais
Mãe	1 28** (20,8*)	2 17 (9,7)	3 2 (4)	4 1 (4)	5 0 (7,2)	6 0 (2,2)	48
Mulher	7 19 (14,4)	8 5 (6,7)	9 6 (2,8)	10 1 (2,8)	11 2 (4,9)	12 0 (1,5)	33
Filha	13 0 (11,8)	14 0 (5,5)	15 1 (2,3)	16 7 (2,3)	17 14 (4)	18 5 (1,3)	27
Totais	47	22	9	9	16	5	108

* FE = Frequência esperada.

** FO = Frequência observada.

$$x^2 = \sum \frac{(FO - FE)^2}{FE}$$
$$x^2 = 64,1$$

O valor crítico da estatística χ^2 nas tabelas, para graus de liberdade iguais a 10 é de 29,59 a um $p < 0,001$.

O valor observado de $\chi^2 = 64,1$ é superior e portanto a hipótese nula é rejeitada.

C-3 Habilitações Filho/Filha (Todos-Vila e Campo)

Categorias Familiares	Níveis de Escolaridade					
	4ª	6ª+8ª	9ª+10ª+11ª	12ª	UNIV.	Totais
Filho	1 2** (1*)	2 5 (3)	3 20 (17)	4 0 (3,5)	5 0 (2,5)	27
Filha	6 0 (1)	7 1 (3)	8 14 (17)	9 7 (3,5)	10 5 (2,5)	27
Totais	2	6	34	7	5	54

* FE = Frequência esperada.

** FO = Frequência observada.

$$x^2 = \sum \frac{(FO - FE)^2}{FE}$$
$$x^2 = 10,8$$

D - Médias dos *scores* dos filhos dos pescadores da vila e do campo nos três indicadores de mobilidade social, em função do sexo e do local de residência

VILA								CAMPO							
Rapazes				Raparigas				Rapazes				Raparigas			
Esc.	Prof.	E.V.		Esc.	Prof.	E.V.		Esc.	Prof.	E.V.		Esc.	Prof.	E.V.	
4	2	0	6	4	4	0	8	6	4	1	11	7	4	1	12
4	2	4	10	8	6	4	18	3	6	0	9	8	6	1	15
4	4	0	8	6	6	4	16	4	2	5	11	8	6	0	14
3	2	0	5	4	4	4	12	6	2	5	13	6	6	2	14
4	2	0	6	5	6	0	11	1	4	5	10	8	6	4	18
4	2	2	8	4	4	0	8	4	4	5	13	7	4	4	15
4	2	2	8	7	6	2	15	4	2	5	11	7	4	5	16
2	2	4	8	4	4	4	12	5	2	5	12	7	4	5	16
2	2	3	7	6	4	4	14	5	4	3	12	5	2	5	12
4	4	3	11	7	4	4	15	1	4	0	5	7	4	5	16
4	4	3	11	4	4	1	9	3	2	4	9	7	4	3	14
4	4	1	9	5	4	1	10'	6	6	3	15	8	6	2	16
5	4	1	10	6	6	1	13	4	2	3	9	2	4	4	10
11	6	1	18									4	4	3	11
59	42	24	125	70	62	29	161	52	44	44	140	92	64	44	200
Esc 59:14=4,2				Esc 70:13=5,3				Esc 52:13=4,0				Esc 92:14=6,5			
Prof. 42:14=3,0				Prof. 62:13=4,7				Prof. 44:13=3,3				Prof. 64:14=4,5			
E.V. 24:14=1,7				E.V. 29:13=2,0				E.V. 44:13=3,3				E.V. 44:14=3,4			

APÊNDICE 2

Questionário

APÊNDICE 2

Questionário aos Pescadores Artesanais do Concelho de Sesimbra

1. Dados Pessoais

♦ Quantos anos tem?

20 - 35 ☐
36 - 55 ☐
56+ ☐

É casado?
S-N

Solteiro?
S-N

Divorciado?
S-N

Viúvo?
S-N

♦ Quantos filhos tem?

0	1	2	3	4	Mais
---	---	---	---	---	------

♦ Que habilitações tem?

Primária ☐
4+2 ☐
6+3 ☐
9+3 ☐
Técnico-Profissional ☐
Outras ☐

♦ Qual a ocupação da sua mulher?

Doméstica
☐

Serviços
☐

Operária
☐

♦ Que habilitações tem ela?

Primária ☐
4+2 ☐
6+3 ☐
9+3 ☐
Técnico-Profissional ☐
Outras ☐

◆ Qual a idade dos seus filhos?

0-5	<input type="checkbox"/>
6-10	<input type="checkbox"/>
11-15	<input type="checkbox"/>
16-20	<input type="checkbox"/>
20+	<input type="checkbox"/>

◆ Quais as habilitações dos filhos?

Primária	<input type="checkbox"/>
4+2	<input type="checkbox"/>
6+3	<input type="checkbox"/>
9+3	<input type="checkbox"/>
Técnico-Profissional	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/>

◆ Qual a profissão dos filhos?

Estudante	Pescador	Operário	Empregado
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

◆ Tem pais vivos?

	Mãe		Pai
<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> N	<input type="checkbox"/> S	<input type="checkbox"/> N

◆ Qual a sua profissão?

	Pai		Mãe
<input type="checkbox"/> P	<input type="checkbox"/> O	<input type="checkbox"/> C	<input type="checkbox"/> O

◆ Quais as suas habilitações?

	Pai		Mãe
Primária	<input type="checkbox"/>	Primária	<input type="checkbox"/>
4+2	<input type="checkbox"/>	4+2	<input type="checkbox"/>
6+3	<input type="checkbox"/>	6+3	<input type="checkbox"/>
9+3	<input type="checkbox"/>	9+3	<input type="checkbox"/>
Técnico-Profissional	<input type="checkbox"/>	Técnico-Profissional	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/>	Outras	<input type="checkbox"/>

2. Dados Profissionais

(Para os que têm a pesca por profissão)

♦ Qual o salário médio do pescador?

<100

☐

100-150

☐

151-200

☐

>200

☐

♦ Tem barco?

Sim

☐

Não

☐

♦ Quantas vezes vai ao mar?

♦ Que tipo de pesca faz?

♦ Num bom dia que quantidade pesca?

♦ Num mau dia que quantidade pesca?

♦ Quando não vai ao mar o que faz?

Observações:

♦ Antes do 25 de Abril...

Melhor

☐

Pior

☐

O mesmo

☐

♦ Os que deixaram de ser pescadores, porquê?

♦ O que fazem hoje?

3. Bens de Raiz

◆ Tem casa própria?

Sim
☐

Não
☐

◆ Vive em casa dos pais?

Sim
☐

Não
☐

◆ Vive em casa arrendada?

Sim
☐

Não
☐

◆ Tem terrenos?

Sim
☐

Não
☐

◆ Os terrenos têm casa(s)?

Sim
☐

Não
☐

◆ Qual a área dos terrenos?

Observações:

◆ Tem horta cultivada?

Sim
☐

Não
☐

◆ Que faz aos produtos?

Consumo Próprio
☐

Consumo/Venda
☐

Vende Só
☐

◆ Cria animais?

Porcos

☐

Galinh./Coelh./Patos

☐

Vacas

☐

Cabras/Ovelhas

☐

Outros

☐

◆ Consome ou vende o que cria?

Consumo Próprio

☐

Consumo/Venda

☐

Vende Só

☐

4. Bens de Consumo

◆ Pensa que vive melhor que os seus pais?

Melhor

☐

Pior

☐

Na mesma

☐

◆ Tem:

	Prop.	Pais	Filhos
Carro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Moto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Motorizada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Barco	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tractor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Carrinha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

◆ Tem:

	Prop.	Pais	Filhos
TV	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Hi-Fi	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Parabólica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
CD	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frigorífico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Arca congeladora	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Máq. lavar-roupa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Máq. lavar-loiça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Telefone	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. Tempos Livres

◆ Que faz quando não trabalha?

◆ Vai ao cinema?

◆ Vai ao teatro?

◆ Vai ao futebol?

◆ Vê televisão?

◆ Pratica desporto?

◆ Outras actividades?

◆ Faz outros trabalhos para si ou ajuda outros?

Próprio

☐

Outros

☐

◆ Gosta de comer fora?

◆ Em restaurantes (vezes)

◆ Em casa de outros (vezes)

◆ Faz férias?

Sim

☐

Não

☐

◆ Gosta de viajar?

◆ Conhece Portugal?

◆ Conhece o estrangeiro?

Sim

☐

Não

☐

◆ Que países?

6. Os Filhos

◆ Pensa que os seus filhos vivem ou viverão melhor que você?

Sim

☐

Não

☐

◆ O que gostava que eles fossem?

◆ Comem fora?

Sim

☐

Não

☐

◆ Frequência?

◆ Vão à discoteca?

Sim

☐

Não

☐

◆ Frequência?

◆ Fazem férias?

Sim

☐

Não

☐

Portugal

☐

Estrangeiro

☐

◆ Que países conhecem?

◆ Tem contas bancárias?

Ordem

☐

Prazo

☐

APÊNDICE 3

Neste apêndice apresentam-se os dados directamente recolhidos do inquérito feito aos 48 pescadores artesanais e familiares abrangidos pelo presente estudo.

Estes dados são apresentados em quadros e correspondem a cada uma das medidas escolhidas através dos questionários.

APÊNDICE 3

Quadro 1

Estado civil dos inquiridos em função do grupo etário em que se inserem e do seu local de residência

GRUPO ETÁRIO	SOLTEIROS		CASADOS		VIÚVOS	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35 anos	7	3	1	5	0	0
36/55 anos	1	1	7	7	0	0
+55 anos	1	2	6	5	1	1

Quadro 2

Grau de escolaridade dos inquiridos em função do grupo etário em que se inserem e do seu local de residência

GRAU DE ESCOLARIDADE	GRUPO ETÁRIO					
	20/35 ANOS		36/55 ANOS		+55 ANOS	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
Analfabeto	0	0	0	0	2	2
4ª classe	0	1	6	6	6	6
6º ano	7	2	2	2	0	0
9º ano	1	4	0	0	0	0
12ºano	0	1	0	0	0	0

Quadro 3

Grau de escolaridade das mulheres dos inquiridos em função do grupo etário e do local de residência dos inquiridos

GRAU DE ESCOLARIDADE	GRUPO ETÁRIO					
	20/35 ANOS*		36/55 ANOS*		+55 ANOS*	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
Analfabeta	0	0	2	3	6	8
4ª classe	0	0	3	2	0	0
6º ano	1	1	1	2	1	0
9º ano	0	1	0	0	0	0
12º ano	0	2	0	0	0	0

* Nota: Os totais de cada coluna não perfazem 8 por nem todos os inquiridos serem casados.

Quadro 4

Grau de escolaridade dos Pais e Mães dos inquiridos em função do grupo etário e do local de residência dos inquiridos

GRAU DE ESCOLARIDADE	GRUPO ETÁRIO											
	20/35 ANOS				36/55 ANOS				+56 ANOS			
	Vila		Campo		Vila		Campo		Vila		Campo	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Analfabetos	1	1	1	1	4	6	4	6	6	7	7	7
3ª classe	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
4ª classe	7	7	7	5	4	2	4	2	2	1	1	0
6º ano	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
9º ano	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro 5

Grau de escolaridade dos Filhos e Filhas dos inquiridos
em função do grupo etário e do local de residência dos inquiridos

GRAU DE ESCOLARIDADE	GRUPO ETÁRIO*							
	36/55 ANOS				+55 ANOS			
	Vila		Campo		Vila		Campo	
	Filhos	Filhas	Filhos	Filhas	Filhos	Filhas	Filhos	Filhas
Analfabetos	0	0	0	0	0	0	0	0
4 classe	0	0	0	0	0	0	2	0
6º ano	0	0	0	0	2	0	0	1
8º ano	1	0	1	0	0	0	1	0
9º ano	3	4	0	0	6	2	4	1
10º ano	0	1	0	0	1	1	2	1
11º ano	0	1	1	1	1	2	2	0
12º ano	0	0	0	1	0	2	0	4
Universidade	0	1	0	3	0	0	0	1

*Nota: por só se considerarem os filhos e filhas com mais de 16 anos, o grupo etário dos inquiridos dos 20 aos 35 anos foi excluído.

Quadro 6

Percentagem dos indivíduos do **sexo masculino**
representantes das três gerações abrangidas pelo questionário

ESCOLARID.	PAIS	INQUIRIDOS	FILHOS
Analfabetos	48%	8%	0
4ª classe	51%	52%	7%
6ª classe	1%	27%	7%
8º+9º+10º11º	0	11%	85%
12º	0	2%	0

Quadro 7

Percentagem de indivíduos do **sexo feminino**
representantes das três gerações abrangidas pelo questionário

ESCOLARID.	MÃES	CÔNJUGES	FILHAS
Analfabetos	58%	58%	0
4ª classe	36%	15%	0
6ª classe	4%	18%	4%
8º+9º+10º11º	2%	3%	52%
12º	0	6%	25%
Universidade	0	0	19%

Quadro 8

Taxa de escolaridade entre os filhos e filhas
dos pescadores inquiridos da vila e do campo

GRAU DE ESCOLARIDADE	LOCAL DE RESIDÊNCIA			
	VILA		CAMPO	
	Filhos(%)	Filhas(%)	Filhos(%)	Filhas(%)
4ª classe	0	0	15	0
6º ano	14	0	0	8
8º ano	7	0	15	0
9º ano	64	43	31	8
10º ano	7	14	15	8
11º ano	7	21	23	8
12º ano	0	14	0	38
Universidade	0	7	0	31

Quadro 9

Profissão dos Pais e Filhos dos inquiridos
em função do grupo etário e do local de residência dos inquiridos

PROFISSÃO	GRUPO ETÁRIO											
	20/35 ANOS*				36/55 ANOS				+55 ANOS			
	Vila		Campo		Vila		Campo		Vila		Campo	
	Pai	Filho	Pai	Filho	Pai	Filho	Pai	Filho	Pai	Filho	Pai	Filho
Pescador	8	-	5	-	8	3	6	0	8	5	6	4
Camponês	0	-	1	-	0	0	1	0	0	0	1	0
Operário	0	-	2	-	0	0	1	0	0	0	1	2
Serviços	0	-	0	-	0	1	0	1	0	4	0	4
Estudante	0	-	0	-	0	0	0	1	0	1	0	1

*Nota: Como só se incluem filhos com idades superiores a 16 anos, os filhos dos inquiridos neste grupo etário são excluídos.

Quadro 10

Profissão das Mães(M), Cônjuges(C) e Filhas(F) dos inquiridos
em função do grupo etário e do local de residência

PROFISSÃO	GRUPO ETÁRIO											
	20/35 ANOS*						36/55 ANOS					
	Vila			Campo			Vila			Campo		
	M	C	F	M	C	F	M	C	F	M	C	F
Doméstica	7	-	-	4	-	-	8	5	0	4	3	0
Camponesa	0	-	-	4	-	-	0	0	0	4	0	0
Operária	0	-	-	0	-	-	0	0	0	0	3	0
Serviços	0	1	-	0	4	-	0	1	4	0	1	1
Estudante	0	-	-	0	-	-	0	0	3	0	0	4

*Nota: Este grupo etário não apresenta dados relativos a filhas, já que destas só são consideradas as maiores de 16 anos. De salientar também que a maioria destes inquiridos são solteiros.

Quadro 11

Salário Médio mensal (em mil escudos) indicado pelos inquiridos

GRUPO ETÁRIO	SALÁRIO MÉDIO MENSAL (em mil escudos)							
	< 100		100-150		151-200		> 200	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35	1	-	7	8	-	-	-	-
36/55	-	-	8	7	-	1	-	-
+55*	1	3	4	4	1	1	-	-
Total	2	3	19	19	1	2	-	-

*Nota: 2 dos inquiridos da vila não responderam.

Quadro 12

Tipo de pesca levado a cabo pelos inquiridos
em função do grupo etário em que se inserem e do seu local de residência

GRUPO ETÁRIO	TIPO DE PESCA					
	ESPADA		REDES		COVOS	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35 anos	7	1	1	5	0	4
36/55 anos	3	1	5	6	0	4
+ 55 anos	7	0	0	4	1	4
Total	17	2	6	15	1	12

Quadro 13

Um Bom dia vs. um Mau dia de Pesca

Procurou-se saber se havia consenso quanto ao que respeita um bom dia de pesca *versus* um mau dia. A análise das respostas permitiu concluir que há bastante concordância quanto à quantificação das duas eventualidades.

1. Os 17 pescadores da vila que se dedicam à pesca do peixe espada preto situam um bom dia de pesca entre a tonelada e meia e duas toneladas. Os dois pescadores residentes no campo indicam duas toneladas. Num mau dia, as respostas situam-se entre os 400 e os 700 Kgs.
2. Os 15 pescadores da vila que se dedicam à pesca de redes, situam um bom dia de pesca entre os 500 e os 700 kg. Os 6 pescadores da vila são unânimes ao declarar que um bom dia de pesca equivale a trazerem 700 kgs. de peixe.
3. Os doze pescadores do campo que se dedicam aos covos estimaram que um bom dia de pesca resulta entre 70 a 150 quilos. O único pescador da vila situa um bom dia nos 50 a 100 quilos.
4. Para os pescadores de redes e covos um mau dia de pesca traduz-se em trazerem muito pouco ou nada.
5. Esta avaliação de um bom dia e de um mau dia de pesca é interessante na medida em que corrobora o salário mensal médio indicado pelos inquiridos.

Quadro 14

Distribuição dos bens de raiz em função do grupo etário em que se inserem os inquiridos e seu local de residência

GRUPO ETÁRIO	BENS DE RAIZ (a)							
	CASA PRÓPRIA		CASA ARREND.		TERRENOS		TER. C/ CASAS	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35 anos	2 (dos Pais)	7 (2 na dos Pais)	6	1	0	2	0	3
36/55 anos	5 (2 na dos Pais)	7 (2 na dos Pais)	3	1	0	2	0	4
+ 55 anos	5	8	3	-	0	5	0	3
Total	12	22	12	2	0	9	0	10

GRUPO ETÁRIO	BENS DE RAIZ (b)							
	HORTA		ANIMAIS		CONSUMO PRÓPRIO.		CONSUMO PP + VENDA	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35 anos	0	4	0	3	0	2	0	2
36/55 anos	0	5	0	5	0	2	0	3
+ 55 anos	0	5	0	5	0	4	0	2
Total	0	14	0	13	0	8	0	7

Quadro 15

Número de inquiridos que possui bens de consumo duráveis em função do grupo etário em que se inserem e seu local de residência

BENS DE CONSUMO DURÁVEIS	GRUPO ETÁRIO					
	20/35 ANOS		36/55 ANOS		+55 ANOS	
	Vila*	Campo*	Vila	Campo	Vila	Campo
Automóvel	2	5	2	6	1	4
Moto	0	2	0	0	0	1
Motorizada	2	3	3	3	2	0
Barco	0	0	2	3	0	3
Tractor	0	0	0	1	0	0
Carrinha	0	0	0	2	1	6
TV	3	7	7	8	8	8
Video	0	4	3	6	1	2
Hi-Fi	0	6	3	4	0	4
Parabólica	0	1	1	0	0	0
CD	0	2	0	2	0	4
Frigorífico	3	6	7	7	8	8
Arca	0	4	2	7	2	8
Máq. Roupas	2	5	7	7	6	8
Máq. Louça	0	2	1	3	2	3
Telefone	1	6	7	7	5	7

* Nota: Vila: 1 casado; Campo: 5 casados.

Quadro 16

Número de respostas obtidas por cada actividade de ocupação dos tempos livres dos inquiridos em função da idade e local de residência

GRAU DE ESCOLARIDADE	GRUPO ETÁRIO					
	20/35 ANOS*		36/55 ANOS*		+55 ANOS*	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
Teatro	0	0	1	0	0	0
Cinema	3	1				
Futebol	2	2	2	1	1	1
TV	7	6	8	8	8	8
Desporto (caça)	1	5	0	7	0	4
Discoteca	6	2	0	0	0	0
Comer fora:						
Restaurantes	2	5	1	0	0	1
C. de amigos	2	0	1	4	0	4
Férias	1	4	0	1	0	3
Conhece Portugal	1	4	3	6	4	5
Conh. Estrangeiro	1	4	2	3	3	4
Biscates:						
Próprio		2	3	4	1	1
Outrem	1		1	4	1	1

Quadro 17

Número de filhos de inquiridos que, segundo os inquiridos praticam actividades de ocupação de tempos livres em função do grupo etário dos inquiridos e do seu local de residência

ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES	GRUPO ETÁRIO			
	36/55 ANOS		+55 ANOS	
	Vila	Campo	Vila	Campo
Restaurantes	1	2	3	4
Discoteca	2	6	1	6
Férias	2	2	3	6
Conhece Portug.	2	1	3	6
Conh. Estrang.	1	0	2	4

Quadro 18

Percepções dos inquiridos sobre as consequências do 25 de Abril na sua qualidade de vida em função da idade e do local de residência dos inquiridos

GRUPO ETÁRIO	PERCEPÇÕES SOBRE QUALIDADE DE VIDA					
	MELHOR		IDÊNTICA		PIOR	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35	2	2	4	2	0	0
36/55	6	6	2	0	0	2
+ 55	4	2	3	3	1	3
Total	12	10	9	5	1	5

Quadro 19

Percepções dos inquiridos sobre a sua qualidade de vida em relação à dos seus Pais, em função da idade e do local de residência dos inquiridos

GRUPO ETÁRIO	PERCEPÇÕES SOBRE QUALIDADE DE VIDA					
	MELHOR		IDÊNTICA		PIOR	
	Vila	Campo	Vila	Campo	Vila	Campo
20/35	0	2	6	5	1	1
36/55	4	6	4	2	0	0
+ 55	5	4	2	1	1	3
Total	9	12	12	8	2	4

Quadro 20
Algumas percepções dos pescadores

1. Devido à importância do 25 de Abril no actual desenvolvimento da região, quisemos recolher as percepções pessoais dos inquiridos sobre os efeitos da revolução na sua qualidade de vida.
2. Dos 32 inquiridos com idade superior a 35 anos, 56% pensa que a sua qualidade de vida melhorou, 25% que não sofreu alteração e 19% que piorou (15% destes são residentes no campo).
3. Quanto a considerarem a sua qualidade de vida em relação à dos seus Pais, 13% dos mais jovens indicam que ela é idêntica enquanto 63% dos inquiridos de idades compreendidas entre os 36 e 55 anos dizem que ela é melhor. De entre os mais velhos só 56% diz que a qualidade de vida deles é superior à dos Pais.
4. Nos dois casos é interessante notar as diferenças de percepção. Apesar do desenvolvimento económico, as gerações mais velhas poderão ter um conceito de qualidade de vida que não se prenda directamente com a aquisição de bens e de todos os outros confortos considerados essenciais pelos mais novos.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. F. - Classes sociais nos campos, camponeses parciais numa região do noroeste. Lisboa, ICS, 1986;

BARBER, B. - Social Stratification. A comparative analysis of structures and process. Nova Iorque, Harcourt, Brace & World, 1957;

BAWLY, D. - The subterranean economy. N.Y., London, McGraw-Hill, 1982;

BERTAUX, D. - Destinos pessoais e estrutura de classe. Lisboa, Moraes ed., 1978;

BOLETIM MUNICIPAL, Câmara Municipal de Sesimbra, nº 188, Out. 1994;

BOLETIM INFORMATIVO, BNF, Dezº, 1989, pp. 61-69.

BOTTOMORE, T. B. - Classes in modern society. London, George Allen and Unwin, 1965;

BOURDIEU, P. - Esquisse d'une théorie de la pratique. Genève, Droz, 1972;

— La distinction - critique sociale du jugement. Paris, Les Éditions de Minuit, 1979;

— "Le capital social" *in*, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 31, 1980;

BRANDÃO, R. - **Os Pescadores**, 2ª ed. Lisboa, 1957;

BROWN, R. - **Social Psychology**. Nova Yorque, The McMillan Co, 1976;

BOUDON, R. - **L'inegalité des chances, la mobilité sociale dans les sociétés industrielles**. 3ª ed. Paris, Armand Colin, 1979;

CABRAL, M. V. - "A economia subterrânea vem ao de cima: Estratégias da população rural perante a industrialização e a urbanização" *in*, **Análise Social**, vol. XIX(76), pp. 119-234, 1983;

CAZENEUVE, J. - "Hierarquias e Mobilidade" *in*, **Dicionário de Sociologia**, Lisboa, Verbo, 1982;

CHADEAU, A. - "Measuring house hold activities: some international comparisons" *in*, **The Review of Income and Wealth**, 31(3), 1985, pp. 237-53;

CRUZ, M. A. - **Pesca e Pescadores em Sesimbra**. F.C.G., 1966;

DAHRENDORF, R. - **Class and class conflict in society**. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1959.

— "On the origin of the inequality among men" *in*, ANDRÉ BÉTEILLE (org.) **Social Inequality**. Middlesex, Penguin Books, 1974;

DAVIS, K. & MOORE, W. - "Some principles of stratification" *in*, **The American Sociological Review**, vol. 10, nº 2, 1945, reed. *in* BENDIX e LIPSET (org.) **Class status and power**, N. Iorque, The Free Press, 1966;

ERIKSON, R. S. & GOLDTHORPE, J. H. - **The constant flux. A study of class mobility in industrial societies**. Oxford, Clarendon Press, 1993;

ESPING-ANDERSEN, G. - "Post industrial class structures: an analytical frameworks" *in*, **Estudios Working Papers**, C. E. A. C. S., Madrid, nº 38, 1992;

FEIGE, E. L. - "The meaning and measurement of the underground economy" *in*, EDGAR L. FEIGE (org.). **The underground economies. Tax evasion and informations distortion**. Cambridge University Press, 1989;

FERREIRA, J. M. Carvalho, *et al.* - **Sociologia**, Lisboa, Mc Graw-Hill, 1995.

GIDDENS, A. - **The Class Structure of the advanced societies**. Londres Huctchinson University Press, 1973;

GOLDTHORPE, J. - **Social mobility and class structure in modern britain**. Oxford, Clarekdon Press, 1987;

— **Employement, class and mobility: a critique of liberal and marxist theories of long-term change**. Trabalho apresentado na 1ª Conferência Nacional Norueguesa, Geiranger, 1990;

HEATH, A. - **Social mobility**. Fontana Paperbacks, 1981;

HULME, D. & TURNER, M. - **Sociology and development, theories, policies and practices**. Londres, Harvester Wheatsineaf, 1990;

JOHNSON, C. - **Measuring the economy**. Londons Penguin Books, 1988;

LAURIN-FRENETTE, N. - **Les théories fonctionnalistes des classes sociales: sociologie et idéologie bourgeoise**. Paris, Anthropos, 1975;

LOBO, I. S.- "Estrutura social e produtiva e propensão à subterraneidade no Portugal de hoje" *in*, **Análise Social**, vol. XXI (87-88-89), pp. 527-562, 1985;

MARQUES, A. R.- "A Piscosa e os Piscos" *in*, **Sesimbra Cultural**, nº 4, Dez., 1994;

MARX, K. - **Capital**. Londres, Lawrence & Wishart, 1974;

— **Economic and philosophical manuscripts**. Londres, Lawrence & Wishart, 1970;

MENDONSA, E. L. - "Turismo e estratificação na Nazaré", *in* **Análise Social**, vol. XVIII (71), pp. 311-29;

MERTON, R. K. - **Element de theorie et de method sociologiques** (trad. francesa). Paris, Plon, 1965;

MILL, J. S. - **On Liberty**. Middlesex, Penguin, 1976;

MURPHY, M. - "The value of non-market household production: opportunity cost versus market cost estimates" *in*, **Review of Income and Wealth**, vol. 24, 5/9, pp. 243-55, 1978;

— "Comparative estimates of the value of household work in U.S. for 1976" *in*, **Review of Income and Wealth**, vol. 28, 1/3, pp. 29-43, 1982;

PAIS, J. M. - "Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida" *in*, **Análise Social**, vol. XXVI (114), pp. 945-87, 1991;

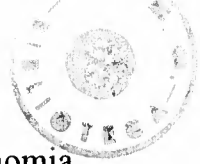
PARSONS, T. - "An analytical approach to the theory of social stratification" *in*, **The American Journal of Sociology**, vol. 45, 1940;

— "A revised analytical approach to the theory of social stratification" *in*, R. BENDIX & S. M. LIPSET (org.) **Class, Status and Power**. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1954;

— **Structure and process in modern societies**, Glencoe, III, Free Press, 1960;

POLLNAC, R.B. - "Sociocultural aspects of developing small-scale fisheries: delivering services to the poor", **Staff Working Paper**, n° 490, The World Bank, Out. 1981;

POULANTZAS, N. - **Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui**. Paris, Seuil, 1974;



QUINTAS, M. C. - "Importância de Sesimbra no desenvolvimento da economia portuguesa nos finais do séc. XIX, início do dséc. XX: a pesca" *in*, **Sesimbra Cultural**, nº 2, Dez. pp. 37-43; 1992;

— "A pesca da sardinha" *in*, **Sesimbra Cultural**, nº 3, Nov., pp.37-39, 1993;

RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO (CENSUS), INE, 1960;

RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO (CENSUS), INE, 1991;

RIBEIRO, O. - "A Arrábida. Esboço Geográfico" *in*, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**, T. IV, nºs 1-2, Lisboa, 1937;

ROBERTS, K. - "Culture, leisure, society - the pluralist scenario" *in*, TONNY BENNETT et. al. (org.) **Culture, Ideology and Social Process**. The Open University, 1981;

ROGOFF, Ramsøy, N. - **Recent trends in occupational mobility**. New York, Free Press, 1953;

— "Changes in rates and forms of mobility", *in* Smelser, N. J. and Lipset, S. M. (eds.) **Social Structure and mobility in Economic Development**, Londres, 1966.

SIEGEL, S. - **Nonparametric statistics for the Behavioral Sciences**. New York, Mc Graw-Hill Book Co. (Int. Student edn.), 1956.



SAVAGE, M. - Social mobility and class analysis: a new agenda for social history?, in **Social History**, 19(1), 1994;

SOROKIN, P. A. - **Social mobility**. New York. Harper and Brothers, 1927;

TUMIN, M. M. - **Social stratification: the forms and functions of inequality**. New Jersey, Prentice & Hall, 1967;

WEBER, M. - "Class, Status and Party" in, **Essays in Sociology**, (trad. inglesa). Oxford University Press, 1946;

— **The theory of social and economic organization**, (trad. de Henderson A. W. e Parsons, T.), Londres, Free Press, 1964;

WINER, B. J. - **Statistical principles in Experimental Design**. New York, McGraw-Hill Co., 1962;

WRIGHT, O. - **Class, crisis and the State**. Londres, New Left Books, 1978;

— **Class, structure and income determinations**. Nova Iorque, Academic Press, 1979;

— **The debate on classes**. Londres, Verso Press, 1989;

WRONG, D. - "The Functional Theory of Stratification: some neglected considerations" in, **The American Sociological Review**, vol. 24, nº 6, 1959.

